

**TRANSMISSÃO TRANSGERACIONAL DA DIFERENCIAÇÃO
DO *SELF* EM DÍADES DE MÃES E FILHAS**

RITA JOÃO BARROS CUNHA

Orientador de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Professor de Seminário de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof. Doutora Mariana Miranda, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família, por todas as conversas, por todo o apoio incondicional, por todo o incentivo e por toda a força que me deram não só durante anos, mas durante toda a minha vida. Em especial, à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã por terem acreditado sempre em mim e por me terem proporcionado a oportunidade de estar aqui hoje.

Ao meu namorado, Miguel, por todo o carinho, apoio, colo, serenidade, por me acompanhar sempre sem hesitar, por não me deixar desistir perante as adversidades e por estar sempre disponível a qualquer hora. Por toda a calma que me transmite e por todo o amor que me proporciona.

Agradeço à professora Mariana Miranda, que me acompanhou e orientou durante este ano, por tudo o que me ensinou e por me ter proporcionado o desejo de desafio ao longo deste trabalho.

A todos os meus amigos, por me terem proporcionado os momentos incríveis que, sem se aperceberem, me deram o apoio e o equilíbrio necessários para continuar. Obrigada por todo o companheirismo e por terem contribuído para a pessoa que sou atualmente.

Por fim, e não menos importante, agradeço a todas as pessoas que participaram neste estudo, que despenderam de um momento da sua vida para me ajudar a realizar este projeto de investigação e que, por isso, o tornaram possível.

Um enorme obrigada a todos vocês que fizeram parte desta jornada tão bonita.

Resumo

A diferenciação do *self* assume-se como um conceito central da Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen. Sendo uma dimensão fundamental do funcionamento emocional e relacional dos indivíduos, relaciona-se com a capacidade de atingir maturidade emocional. Apesar de existirem estudos que apoiam as proposições teóricas de Bowen de que os padrões de funcionamento dos pais influenciam os dos seus filhos e que estes padrões são transmitidos para a geração seguinte, a investigação que examina a transmissão da diferenciação do *self* de uma geração para a outra é parca e inconsistente. Assim, o presente estudo tem como objetivo explorar a validade do pressuposto de Bowen da transmissão transgeracional da diferenciação do *self* em mulheres, ou seja, explorar a possível influência que as dimensões da diferenciação do *self* das mães têm nas dimensões da diferenciação do *self* das filhas. A amostra foi constituída por 60 díades de mães e filhas com idades superiores aos 18 anos. O questionário online consistiu num questionário sociodemográfico e no Inventário da Diferenciação do *Self* Breve (DSI-SF). Os resultados fornecem suporte parcial ao pressuposto da transgeracionalidade da diferenciação do *self* da teoria de Bowen, demonstrando uma associação entre três das quatro dimensões da diferenciação do *self* das mães (Reatividade Emocional, Posição do Eu e *Cut-off* Emocional) e a diferenciação do *self* das filhas. Estes resultados destacam a importância de considerar a complexa relação entre os níveis de diferenciação do *self*, o sistema familiar e o contexto transgeracional da família de origem ao analisar o funcionamento dos indivíduos e no desenvolvimento de uma melhor intervenção clínica.

Palavras-chave: Teoria dos Sistemas Familiares; diferenciação do *self*; transgeracionalidade; família de origem; mulheres.

Abstract

The differentiation of self is assumed to be a central concept of Bowen's Family Systems Theory. Being a fundamental dimension of the individuals emotional and relational functioning, it is related to the ability to reach emotional maturity. Although there are studies that support Bowen's theoretical propositions that parents' functioning patterns influence those of their children and that these patterns are transmitted to the next generation, research that studies the transmission of differentiation of the self from one generation to the next is meager and inconsistent. Thus, the present study aims to explore the validity of Bowen's assumption, that the transgenerational transmission of differentiation of self in women, more specifically, to explore the possible influence that mothers' differentiation of self dimensions have on daughters' differentiation of self dimensions. The sample consisted of 60 dyads of mothers and daughters over the age of 18. The online questionnaire consisted of a sociodemographic questionnaire and the Brief Differentiation of Self Inventory (DSI-SF). The results provide partial support for Bowen theory's assumption of the transgenerationality of differentiation of self, demonstrating an association between three of the four dimensions of mothers' differentiation of self (Emotional Reactivity, I-Position and Emotional Cut-off) and daughters' differentiation of self. These results highlight the importance of taking in consideration the complex relationship between levels of differentiation of the self, the family system, and the transgenerational context of the family of origin when analyzing the functioning of individuals and in developing better clinical intervention.

Keywords: Bowen's Family Systems Theory; differentiation of the self; transgenerationality; family of origin; women.

Índice

Introdução.....	1
Diferenciação do <i>self</i>	1
Como é que a diferenciação do <i>self</i> se mede?.....	6
Como é que a diferenciação do <i>self</i> é transmitida?.....	8
O Presente Estudo.....	12
Método.....	14
Design e Participantes.....	14
Procedimento e Questionário.....	15
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	16
<i>Inventário da Diferenciação do Self Breve</i>	16
Resultados.....	16
Contributo para a validação da escala.....	17
Estatística Descritiva.....	18
Teste de hipóteses.....	18
Discussão.....	21
Limitações e Estudos Futuros.....	24
Implicações Clínicas.....	25
Conclusão.....	26
Referências Bibliográficas.....	27
Anexos.....	34
Anexo A – Revisão de Literatura.....	34
Anexo B – Aprovação da Comissão de Ética.....	41
Anexo C – Poster do Estudo.....	42
Anexo D – Consentimento Informado.....	43
Anexo E – Resultados.....	44

Lista de Tabelas

Tabela 1. Estatística Descritiva das médias das dimensões da diferenciação do <i>self</i> do DSI-SF	25
Tabela 2. Matriz de correlações entre dimensões do DSI-SF das mães e dimensões do DSI-SF das filhas	26
Tabela 3. Matriz de correlações entre dimensões do DSI-SF das mães e das filhas separadamente	27

Lista de Figuras

Figura 1. <i>Modelo</i> de quatro fatores do DSI-SF	25
--	----

Introdução

A Teoria dos Sistemas Familiares (TSF) foi desenvolvida inicialmente por Bowen e colegas em vários artigos e livros publicados desde o início dos anos 60, até à sua morte em 1990, continuando a ser alvo de interesse e investigação até aos dias de hoje. Constitui a base de uma das escolas centrais na Terapia Sistémica (Gouveia-Pereira & Miranda, 2021): a Escola Transgeracional. Durante este período de seis décadas, tem se assistido a um esforço contínuo – embora mais acentuado recentemente – de verificação empírica, sistematização e, quando necessário, revisão dos seus pressupostos teóricos iniciais. Esta dissertação está exatamente enquadrada neste objetivo.

Alinhado com a Teoria Geral dos Sistemas (Von Bertalanffy, 1968), Bowen (1978) descreve um sistema como qualquer relação com forças opostas e de equilíbrio em operação constante, e utilizou este conceito para descrever o equilíbrio das relações familiares, distinguindo entre dois sistemas de funcionamento humano, o sistema emocional e o sistema intelectual.

Assim, a TSF tem como base a dicotomia entre o funcionamento emocional, produto do sistema emocional, e o funcionamento intelectual, produto do sistema intelectual, e postula que os humanos são governados maioritariamente pelo sistema emocional, uma vez que possuem um funcionamento reativo e instintivo, mesmo tendo a possibilidade de recorrer ao sistema intelectual (Holman & Busby, 2011).

De acordo com esta teoria, como veremos nas secções seguintes, existem dois fatores principais interligados que exercem influência sobre o sistema emocional e que são fundamentais para descrever o funcionamento emocional do sistema familiar: a diferenciação do *self* e a ansiedade crónica (Bowen, 1976; Miller et al., 2004; Kerr, 1988). A ansiedade crónica consiste numa resposta do indivíduo a uma ameaça imaginária e é experienciada como se não tivesse um fim (Bowen, 1978; Kerr, 1988). Neste estudo, focar-nos-emos em particular na diferenciação do *self* e na forma como esta é desenvolvida.

Diferenciação do *self*

A diferenciação do *self* constitui o centro desta teoria e é uma dimensão fundamental do funcionamento emocional e relacional dos indivíduos a nível universal

(Bowen, 1993; Miller et al., 2004). De acordo com a TSF, a diferenciação do *self* é adquirida apenas quando os indivíduos resolvem totalmente os seus conflitos e as suas questões emocionais com a família de origem (Charles, 2001; Kerr, 1988). Deste modo, o nível de diferenciação do *self* é estabelecido dentro da família de origem do indivíduo e depois transportado para os seus relacionamentos futuros (Kerr & Bowen, 1988).

Segundo Bowen, a diferenciação do *self* envolve a capacidade de atingir maturidade emocional, mais concretamente, de equilibrar as duas dimensões do *self*, a intrapsíquica e a interpessoal (Skowron & Friedlander, 1998). A dimensão intrapsíquica envolve a capacidade de distinguir entre o sistema emocional (sentimentos) e o sistema intelectual (pensamentos) e de decidir que tipo de funcionamento irá regular o comportamento, e a dimensão intrapessoal relaciona-se com a capacidade de equilibrar de forma adequada duas forças vitais, a autonomia/individualidade em relação aos outros e a intimidade/união com os outros (Bowen, 1976; 1978; Kerr, 1988; Kerr & Bowen, 1988). A força da autonomia/individualidade leva a que o indivíduo alcance um funcionamento independente e diferenciado da família de origem (ou seja, pensar, sentir e agir de forma autónoma), enquanto a força da intimidade/união leva o indivíduo a permanecer emocionalmente conectado à sua família de origem e a outros relacionamentos significativos (Bowen, 1976; 1978; Kerr, 1988; Kerr & Bowen, 1988).

De acordo com a teoria de Bowen, indivíduos que possuem a capacidade de equilibrar estas duas forças e apresentam uma maior capacidade de distinguir os sistemas emocional e intelectual, são os que têm, assim, maiores níveis de diferenciação do *self*; enquanto indivíduos com menores níveis de diferenciação do *self* apresentam um funcionamento mais dependente e indiferenciado da família de origem e de outros relacionamentos significativos e um maior grau de fusão entre os sistemas emocional e intelectual (Kerr & Bowen, 1988; Papero et al., 2018).

Skowron & Friedlander (1998) operacionalizaram teoricamente a diferenciação do *self* nas duas dimensões do *self* já referidas: a dimensão intrapsíquica é avaliada pela Reatividade Emocional (RE) e pela capacidade em manter a Posição do Eu (PI), e a dimensão interpessoal é avaliada pelo *Cut-off* Emocional (CE) e pela Fusão com os Outros (FO). Skowron & Friedlander (1998) mostraram que indivíduos com níveis mais baixos de diferenciação do *self* apresentam maior Reatividade Emocional, menos capacidade em assumir uma Posição do Eu e maior tendência de Fusão com os Outros ou de *Cut-off* Emocional. Mais recentemente, também foi definida uma outra subescala por

Oliver e colaboradores (2022), a Dominância sobre os Outros, contudo, não é considerada universalmente. A Reatividade Emocional, a capacidade de manter a Posição do Eu, o *Cut-off* Emocional e a Fusão com Outros constituem formas que as famílias recorrem para lidar com as forças emocionais e a tensão emocional presentes no sistema familiar (Calatrava et al., 2022).

A Reatividade Emocional está relacionada com a dificuldade em regular as emoções perante expressões emocionais dos outros e em condições de stress, de refletir sobre as suas emoções, de manter a calma em situações emocionalmente intensas e stressantes, de aceitar pontos de vista diferentes dos seus sem se sentirem atacados, e de tomar decisões com base nas suas crenças e através do uso da lógica. Indivíduos com alta Reatividade Emocional reagem emocionalmente, uma vez que não são capazes de distinguir entre os sistemas emocional e intelectual, e o sistema intelectual encontra-se dominado pelo emocional (Bowen, 1976; 1978; Kerr & Bowen, 1988).

A capacidade em manter uma Posição do Eu consiste na capacidade em assumir uma posição do *self* (ou uma posição própria), ao invés de uma reação à posição do outro, uma identidade coesa e independente da pressão dos outros, crenças e convicções firmes e em tomar decisões próprias e autónomas (Bowen, 1976; 1978; Kerr & Bowen, 1988).

A Fusão com os Outros relaciona-se com a superdependência e superidentificação com a família de origem e, conseqüentemente, com outros relacionamentos íntimos significativos, e com a procura constante da sua aceitação, aprovação e proximidade emocional, uma vez que estes indivíduos possuem a individualidade subdesenvolvida e apresentam poucas convicções próprias. Assim, ao invés de se focarem no próprio funcionamento, direcionam a sua total atenção para os relacionamentos, numa luta constante para os manter equilibrados, de modo a conseguirem alcançar algum conforto e diminuir a ansiedade sentida. Bowen utilizou o termo *massa indiferenciada do ego familiar* para se referir à fusão entre os elementos da família e à incapacidade de diferenciação, podendo resultar esta na abdicação da autonomia e subjetividade do indivíduo (Bowen, 1976; 1978; Kerr & Bowen, 1988).

O *Cut-off* Emocional descreve a forma como a indiferenciação é gerida pelos indivíduos. Consiste numa manifestação emocional motivada pela incapacidade do indivíduo de gerir os seus problemas e conflitos emocionais não resolvidos com a família de origem e pela conseqüente ansiedade gerada, pelo medo de intimidade e proximidade

emocional, e pela necessidade de fingir ser mais independente do que é na realidade, resultando, assim, em afastamento, isolamento e distância emocional e/ou física (Bowen, 1976; 1978; Kerr & Bowen, 1988). Também pode ocorrer a negação da intensidade deste conflito, na qual existe simultaneamente o contacto com a família e o evitamento de lidar com os problemas, sendo esta, segundo Bowen, a principal manifestação do *Cut-off* Emocional (Bowen, 1976; 1978). Assim, apesar de estes indivíduos cortarem o contacto, continuam a ser dependentes emocionalmente e a precisar de proximidade emocional, tendo de procurar outros relacionamentos para voltar a encontrar o seu equilíbrio e bem-estar (Bowen, 1976; 1978; Papero, 2014). Uma vez que a ansiedade é tão grande e as reações emocionais são tão intensas, impedindo o contacto e dificultando a resolução dos conflitos, o afastamento gera uma sensação de alívio imediato nos elementos familiares e a sensação de que os relacionamentos estão melhores com o afastamento, contudo, os problemas estão apenas inativos e permanecem não resolvidos (Bowen, 1976; 1978; Kerr & Bowen, 1988). Quanto maior for a intensidade do *Cut-off* Emocional, maiores são as probabilidades de o indivíduo desenvolver sintomatologia, de repetir este padrão familiar em relacionamentos futuros, de ver uma versão exagerada do problema familiar no seu próprio relacionamento conjugal e de os filhos fazerem um *Cut-off* mais intenso com os pais na geração seguinte (Bowen, 1976; 1978).

Bowen distinguiu teoricamente entre nível básico de diferenciação e nível funcional de diferenciação e os seus respetivos componentes, o *self* sólido e o pseudo *self* (Kerr, 1988; Kerr & Bowen, 1988). A diferenciação básica e o *self* sólido referem-se ao funcionamento que não é dependente do processo de relacionamento, que é determinado através da genética, das experiências de vida e da família de origem do indivíduo, e que é constituído por crenças, opiniões e convicções claras, bem definidas, não sujeitas à influência dos outros, através de um processo de tomada de decisão intelectual e racional, sendo relativamente fixo e não passível de mudança. Bowen acreditava que o *self* sólido é estabelecido quando o jovem adulto se separa da sua família de origem. Já a diferenciação funcional e o pseudo *self* envolvem o funcionamento que depende do processo de relacionamento e que é constituído por crenças e conhecimentos adquiridos através da relação com os outros, sendo bastante instável e podendo ser alterado pela pressão social, pelos níveis de ansiedade, pelos relacionamentos e pelas diversas experiências ao longo da vida do indivíduo. Tendencialmente, indivíduos com menores

níveis de diferenciação possuem menos *self* sólido, continuando a funcionar, quando tal acontece, através do pseudo *self* (Bowen, 1976; 1978; Kerr, 1988; Kerr & Bowen, 1988).

Uma vez que Bowen defendia que indivíduos com níveis de diferenciação mais baixos apresentam maior vulnerabilidade ao stress e mais facilidade em se tornarem disfuncionais sob condições de stress, também propôs uma correlação positiva da diferenciação do *self* com os funcionamentos psicológico, físico, familiar e conjugal (Kerr, 1988; Bowen, 1978; Skowron & Friedlander, 1998). Assim, Bowen (1976; 1978) estabeleceu várias hipóteses acerca da importância da diferenciação do *self* e das suas consequências em diversos domínios do funcionamento individual e familiar: 1) níveis mais altos de diferenciação do *self* estão associados a uma melhor saúde psicológica; 2) níveis mais altos de diferenciação do *self* estão associados a uma melhor saúde física; 3) níveis mais altos de diferenciação do *self* estão associados a uma maior qualidade e satisfação conjugal; 4) níveis mais altos de diferenciação do *self* estão associados a melhor relacionamentos intergeracionais, como melhor funcionamento familiar, melhor comunicação e satisfação e menos conflito; 5) o nível de diferenciação do *self* é modificado pelas experiências durante o final da infância e adolescência, tornando-se estável ao longo da idade adulta, quando o indivíduo deixa a família nuclear e tenta ser independente; 6) a diferenciação do *self* é transmitida ao longo das gerações; 7) os indivíduos escolhem cônjuges com níveis de diferenciação semelhantes, o que o levou a afirmar também que uma criança com comprometimento sintomático tende a originar uma linhagem de indivíduos com níveis cada vez mais regressivos de diferenciação, até dar origem à esquizofrenia.

Investigação empírica tem corroborado as hipóteses de Bowen de que níveis mais baixos de diferenciação do *self* estão relacionados com menos adaptabilidade e flexibilidade ao stress, maior dificuldade em fazer ajustes e menos capacidade de gestão de emoções e de resolução de problemas (Haefner, 2014; Holman & Busby, 2011; Mohammadi et al., 2019; Skowron, 2004); com níveis mais baixos de funcionamento psicológico e de saúde psicológica geral (Cepukiene, 2021; Jenkins et al., 2005), mais concretamente, níveis mais altos de ansiedade crónica (Skowron & Friedlander, 1998; Tuason & Friedlander, 2000), ansiedade social (Peleg, 2005; Peleg-Popko, 2002), ansiedade de separação (Peleg et al., 2006; Peleg & Yitzhak, 2011) e de stress (Murdock & Gore, 2004), maior sofrimento e menos bem-estar psicológico (Harvey et al., 1991; Krycak et al., 2012; Rodríguez-González et al., 2019a; Skowron & Friedlander, 1998;

Skowron et al., 2003; 2009; Tuason & Friedlander, 2000) e mais sintomatologia depressiva (Hooper & Doehler, 2011; Rodríguez-González et al., 2019c); com níveis mais baixos de funcionamento físico (Harvey et al., 1991; Hooper & Doehler, 2011; Rodríguez-González et al., 2019c); com níveis mais baixos em dimensões de funcionamento familiar (Chung & Gale, 2009; Kim et al., 2014; Rodríguez-González et al., 2019b); e com maior conflito conjugal e menor satisfação conjugal (Holman & Busby, 2011; Lal & Bartle-Haring, 2011; Mohammadi et al., 2019; Peleg, 2008; Rodríguez-González et al., 2019a; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, 2000).

Calatrava et al. (2022) realizou uma scoping review com 295 artigos, com o objetivo de rever a investigação existente sobre estas sete hipóteses de Bowen acerca da diferenciação do *self*. Os resultados revelaram que níveis mais altos de diferenciação do *self* estão associados a uma melhor saúde tanto psicológica como física, a uma maior qualidade e satisfação conjugal e a melhores relacionamentos intergeracionais, contudo, a hipótese de que os indivíduos escolhem cônjuges com níveis de diferenciação semelhantes não teve suporte empírico. Esta scoping review concluiu também que as hipóteses de Bowen de que os níveis de diferenciação são estáveis ao longo da idade adulta e de que a diferenciação do *self* é transmitida de geração em geração não foram suficientemente investigadas, não existindo, portanto, suporte empírico satisfatório para as mesmas.

Antes de incidirmos a nossa revisão nesta lacuna em particular, será necessário primeiramente descrever a forma como o conceito de diferenciação do *self* tem sido medido.

Como é que a diferenciação do *self* se mede?

Com o intuito de estimar o funcionamento básico da diferenciação do *self* (ou seja, o *self* sólido) de um indivíduo e de demonstrar que todos os indivíduos apresentam um certo nível de diferenciação e, consoante esse nível, possuem estilos de vida diferentes, Bowen concetualizou a diferenciação do *self* numa escala, a Escala da Diferenciação do *Self*. Esta escala está cotada de 0 (nível de funcionamento humano, ou seja, de diferenciação do *self* mais baixo possível) a 100 (potencial máximo da diferenciação do *self*, que transmite a ideia hipotética de perfeição para o qual os humanos podem evoluir se seguirem nessa direção) (Bowen, 1976; 1978; Kerr, 1988). Com esta

escala, Bowen eliminou o conceito de *normal*, afirmando que, apesar de a vulnerabilidade ao stress ser maior e a recuperação dos sintomas mais lenta em indivíduos com menores níveis de diferenciação do *self*, indivíduos em qualquer ponto da escala de diferenciação podem desenvolver sintomas sob certas condições de stress, concluindo, assim, que a diferenciação do *self* não apresenta uma relação direta com a presença ou ausência de sintomas, podendo esta apenas moderar ou mediar esta relação (Bowen, 1978; Kerr, 1988; Kerr & Bowen, 1988). Contudo, apesar de esta escala ter sido proposta para medir a diferenciação do *self*, apenas consistia num instrumento teórico e não numa medida empírica, visto que Bowen nunca a operacionalizou como um instrumento de avaliação.

De modo a ser possível realizar investigação empírica sobre a teoria de Bowen e dar suporte empírico aos seus pressupostos, foi necessária a criação de instrumentos de avaliação válidos e adequados para medir o seu conceito principal, a diferenciação do *self*. Foram, assim, desenvolvidos dois tipos de instrumentos: os que medem o nível de diferenciação enquanto variável individual e os que medem o nível de diferenciação como variável do sistema familiar (Major et al., 2014). Os primeiros parecem assemelhar-se mais ao construto de diferenciação do *self* de Bowen do que os segundos (Relvas et al., 2011; Rodríguez-González, 2009, cit. por Major et al., 2014). Neste sentido, para este estudo foram considerados apenas instrumentos que medem o nível de diferenciação a nível individual: Inventário da Diferenciação do *Self* (DSI; Skowron & Friedlander, 1998); Inventário da Diferenciação do *Self* Revisado (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003); e Inventário da Diferenciação do *Self* Breve (DSI-SF; Sloan & van Dierendonck, 2016).

Com o intuito de criar uma medida multidimensional da diferenciação do *self* com base na teoria de Bowen, Skowron and Friedlander (1998) desenvolveram o Inventário da Diferenciação do *Self* (DSI), de 43 itens, focado especificamente em adultos, que mede as 4 subescalas mencionadas anteriormente: Reatividade Emocional, Posição do Eu, Fusão com o Outro e *Cut-off* Emocional. De seguida, Skowron and Schmitt (2003) realizaram uma revisão ao DSI (Skowron and Friedlander, 1998), incluindo mais 3 itens com o intuito de melhorar a consistência interna, criando o Inventário da Diferenciação do *Self* Revisado (DSI-R), de 46 itens, consistindo este no instrumento de medição de diferenciação mais utilizado.

Major et al. (2014) realizaram o primeiro estudo de adaptação e validação do DSI-R para a população portuguesa, tendo utilizado um processo de tradução rigoroso. Lampis et al. (2019) realizaram um estudo com o objetivo de testar a validade

transcultural das dimensões Reatividade Emocional e *Cut-off* Emocional, em quatro países, sendo um deles Portugal, e verificou que estas duas dimensões destacaram uma invariância fraca, demonstrando especificamente a invariância das cargas fatoriais padrão e a magnitude das cargas fatoriais nas quatro amostras.

Sloan & van Dierendonck (2016) desenvolveram o Inventário da Diferenciação do *Self* Breve (DSI-SF), uma versão resumida psicometricamente sólida e validada do DSI-R (Skowron and Schmitt, 2003). Apesar de não estar validado para a população portuguesa, mantém a estrutura fatorial utilizando apenas 20 itens, igualmente distribuído pelas quatro dimensões.

Como é que a diferenciação do *self* é transmitida?

Existe uma grande quantidade de literatura que analisa a transmissão dos padrões de funcionamento de pais para filhos em diversos domínios, como na violência (Black et al., 2010; Conte & von Mühlen, 2020; Gadoni-Costa & DELL, 2011; Putkonen et al., 2007; Rosen et al., 2001; Sant'Anna & Penso, 2018), no trauma (Braga et al., 2012; Dozio et al., 2020; Kizilhan et al., 2022), na parentalidade adolescente (Cunha & Wendling, 2011; Sipsma et al., 2010), em problemas de conduta (Raudino et al., 2013) e no abuso infantil (Cao & Zhang, 2022). Contudo, apesar de haver evidências de que os padrões de funcionamento são transmitidos de pais para filhos, o processo de transmissão muitas vezes é inconsciente e, por isso, não pode ser explicado apenas pela genética ou pela exposição ao funcionamento da família de origem (Miller et al., 2004). De modo a explicar de forma adequada este processo, Kerr & Bowen (1988) levantaram a hipótese de que a transmissão também ocorre através de um processo emocional, o Processo de Projeção Familiar, no qual níveis de diferenciação do *self* também são transmitidos de pais para filhos.

O Processo de Projeção Familiar consiste, assim, no processo universal pelo qual os padrões de funcionamento emocionais - Sistema Emocional da Família Nuclear -, os níveis de diferenciação e a ansiedade dos pais são projetados no(s) filho(s), sob a forma de superproteção ou supercontrolo, impedindo a autodiferenciação da criança e podendo resultar no seu comprometimento emocional primário (Bowen, 1976; 1978; Kerr & Bowen, 1988). Posto isto, Bowen (1976; 1978) defendia que o nível de diferenciação de um indivíduo é influenciado pelo nível de diferenciação dos seus pais, pelo tipo de

relacionamento com eles e pelo resultado das experiências com a sua família de origem, mesmo antes da concepção e do nascimento.

Neste sentido, a ansiedade é considerada a principal emoção que dá origem a este processo de transmissão: a alta ansiedade dos pais é transmitida à criança, que a leva a responder de forma ansiosa, e os pais interpretam essa resposta de forma errada como sendo um problema da própria criança, levando-os a tornarem-se superprotetores, a estabelecerem padrões de infantilização e a dirigirem as suas ações mais pela sua ansiedade do que pelas necessidades reais da criança, o que dificulta ou impossibilita a autodiferenciação da mesma (Bowen, 1976; 1978; Miller et al., 2004; Papero et al., 2018).

Como referido anteriormente, a interação e a combinação dos níveis de diferenciação do *self* e de ansiedade crónica exercem uma influência conjunta sobre o sistema emocional e produzem a dinâmica e os sintomas observáveis nos sistemas familiares, sendo fundamentais para a explicação do funcionamento emocional do sistema familiar (Bowen, 1978; González & Kerr, 2011; Papero et al., 2018). Os níveis de diferenciação do *self* baixos refletem-se em menor adaptabilidade e flexibilidade para lidar com a ansiedade e o stress, em menor confiança na capacidade de autonomia e em assumir responsabilidade, em medo excessivo de abandono e rejeição quando existe uma distância emocional excessiva ou, em oposição, em medo de perda de autonomia e independência quando existe uma união excessiva, resultando isto no aumento dos níveis de ansiedade crónica, que leva ao aparecimento de sintomas (Bowen, 1978; González & Kerr, 2011; Kerr, 1988; Larson & Wilson, 1998; Miller et al., 2004; Papero, 2014; Peleg, 2014; Skowron & Friedlander, 1998). Por sua vez, os níveis mais altos de ansiedade no sistema familiar refletem-se no aumento da pressão dos elementos da família uns sobre os outros para permanecerem unidos e conectados e para colocarem o bem-estar da família à frente do bem-estar individual, o que resulta no aumento da fusão ou de outros mecanismos como a reatividade emocional, ou seja, em menores níveis de diferenciação do *self* (Papero et al., 2018). Posto isto, estamos perante um processo circular: níveis mais baixos de diferenciação do *self* resultam em níveis mais altos de ansiedade crónica e, consequentemente, de sintomas, e níveis mais altos de ansiedade crónica resultam em níveis mais baixos de diferenciação do *self*.

Bowen (1976; 1978) acreditava que o Processo de Projeção Familiar tendia a focar-se apenas num filho, a criança triangular, uma vez que seria impossível os pais terem igual investimento emocional em todos os filhos, e que existiam padrões definidos

na forma como a indiferenciação era distribuída pelos mesmos, estando estes relacionados com diversos fatores, como o stress e a ansiedade da mãe durante a concepção e o nascimento da criança (crianças que foram concebidas e que nasceram durante um período de maior stress na vida da mãe); posição de irmão (a primeira criança e a mais velha); sexo (a criança de um sexo entre várias do sexo oposto); e a fusão emocional com os pais (a criança que é mais fusionada aos pais). De acordo com esta perspetiva, a criança mais envolvida emocionalmente e na fusão familiar tenderia a desenvolver um nível de diferenciação um pouco mais baixo (e mais ansiedade crónica) do que a criança menos envolvida, o que explicava o facto de crianças da mesma família de origem terem níveis diferentes de diferenciação (Bowen, 1976; 1978).

A TSF de Bowen defende a existência de um processo paralelo, o Processo de Transmissão Multigeracional, que consiste na transmissão, de forma ordenada e previsível, de geração para geração, de padrões relacionais familiares, através do Processo de Projeção Familiar, do Sistema Emocional da Família Nuclear e da Triangulação (Cepukiene, 2021; Haefner, 2014; Tuason & Friedlander, 2000; Kerr & Bowen, 1988). A capacidade de diferenciação do *self* é, assim, influenciada por um passado multigeracional e pelas experiências vividas na família de origem, e resultado do funcionamento emocional, dos padrões emocionais da família e de como a ansiedade é transmitida de geração em geração (Bowen, 1976; Calatrava et al., 2022). Segundo Bowen, a intensidade deste processo é determinada pelo nível de diferenciação de cada elemento da família (Bello & Marra, 2020). A transmissão multigeracional destaca o papel da família como transmissora de padrões de funcionamento que fazem parte da construção da subjetividade dos indivíduos, sendo estes marcados pelas expectativas e crenças da família de origem mesmo antes da concepção e do nascimento, o que pode influenciar o seu desenvolvimento e a sua identidade (Almeida et al., 2014). É, assim, um processo fundamental para a construção da identidade dos indivíduos e para garantir a sobrevivência e perpetuação da família ao longo do tempo (Almeida et al., 2014).

Apesar de a transmissão de padrões de funcionamento familiar não impedir os indivíduos de viverem a sua história individual e de terem a sua subjetividade, pode criar barreiras e obstáculos para a formação da sua subjetividade, uma vez que este adquire uma história preexistente de gerações anteriores que não lhe pertence, e a sua história individual é, em grande parte, moldada pela sua história familiar, levando a um aprisionamento ao passado e a fantasmas familiares através da alienação (processo em

que o indivíduo se torna ausente de si mesmo e sujeito à repetição) (Carter & McGoldrick, 1995; Padilha & Barbier, 2020). Este aprisionamento resultante desta transmissão de padrões familiares ao longo de várias gerações pode resultar em diversas consequências individuais e familiares: ausência de limites e de papéis definidos entre os elementos da família e a consequente confusão de papéis; relações fusionadas; dificuldade de aceitação de autonomia e individuação e consequente indiferenciação entre gerações; conflitos recorrentes; dificuldades de comunicação; e poucas possibilidades de falar sobre os próprios sentimentos (Padilha & Barbier, 2020). Por outro lado, a transmissão transgeracional também pode levar à superação e à mudança, contribuindo para uma diminuição do sofrimento e dos bloqueios (Padilha & Barbier, 2020).

Diferenciação do self transmitida no feminino

Bowen (1976; 1993) defendia que os pressupostos da Teoria dos Sistemas Familiares são universais, tendo a capacidade de explicar os processos emocionais da família de forma apropriada tanto para homens como mulheres e de ser aplicados em todas as famílias e culturas (Miller et al., 2004). Em contraponto com esta intenção, a sua teoria tem sido alvo de diversas críticas feministas por sobrevalorizar características estereotípicas masculinas (Knudson-Martin, 1984). Estas críticas afirmam existir diferenças de género na diferenciação, uma vez que o conceito de diferenciação do *self* define um indivíduo saudável com base em características de personalidade mais associadas ao papel masculino, como a distância emocional e o pensamento racional, desvalorizando as características tradicionais do papel feminino, como a conexão psicológica e a reatividade emocional (Silverstein, 2005; Skowron & Friedlander, 1998).

Segundo Knudson-Martin (1994), diversos estudos sobre o desenvolvimento feminino concluíram que as mulheres desenvolvem a sua identidade através de conexões com os outros e descobrem-se a si mesmas ao mesmo tempo que desenvolvem relações com os outros, tendendo a depender mais de relações e de conexões com o outro e menos da individualidade do que os homens. Assim, Knudson-Martin (1994) critica a proposição de Bowen de que o desenvolvimento envolve uma identidade separada e distinta do outro, uma vez que leva a pressupor que as mulheres têm menos diferenciação do que os homens ao colocar de fora a experiência característica das mulheres de desenvolvimento da sua identidade através de conexões com os outros.

Existem diversos estudos que comparam os níveis de diferenciação entre homens e mulheres. Apesar de não se verificarem diferenças de género nos níveis gerais da diferenciação do *self*, foram visíveis diferenças em algumas dimensões da diferenciação. Diversos estudos mostraram que as mulheres apresentam maior Reatividade Emocional do que os homens (Peleg, 2014; Peleg & Yitzhak, 2011; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003), sendo esta considerada uma característica mais predominante nas mulheres, contudo, não observaram diferenças de género relativamente ao *Cut-off* Emocional (Peleg & Yitzhak, 2011; Skowron & Friedlander, 1998). Foram encontrados resultados mistos na Fusão com os Outros, em que um estudo relata ser maior nas mulheres do que nos homens (Peleg & Yitzhak, 2011) e outro afirma não haver diferenças entre ambos (Skowron & Schmitt, 2003), e na capacidade em manter a Posição do Eu, em que um estudo afirma ser menor nas mulheres do que nos homens (Skowron & Schmitt, 2003), enquanto outro não encontrou diferenças (Peleg & Yitzhak, 2011).

Apesar destas críticas à teoria de Bowen, também existem autores que alertam para a verdadeira definição de diferenciação do *self* que, como já referido anteriormente, envolve o equilíbrio entre as duas forças vitais, autonomia/individualidade e intimidade/união, e não a predominância da primeira em relação à segunda. Silverstein (2005) afirma que as críticas da sobrevalorização das características estereotípicas masculinas não são precisas e também alerta que Bowen se centra na individualidade quando fala do processo de desenvolvimento e de formação de identidade pois o processo pelo qual os indivíduos atingem independência económica é difícil e demorado, levando realmente a um desequilíbrio entre as duas forças até ao início da idade adulta e sendo realmente mais difícil construir uma identidade e alcançar maior individualidade.

Neste sentido, este estudo tentará passar ao largo do debate das diferenças de género da diferenciação do *self*, não procurando comparação, mas antes focalizando-se na transmissão entre díades de mães e filhas.

O Presente Estudo

Em suma, a diferenciação do *self* está diretamente relacionada com o funcionamento familiar, uma vez que resulta dos processos relacionais e dos padrões de funcionamento emocionais ocorridos dentro do sistema familiar e, simultaneamente, apresenta uma diversidade de consequências diretas nos indivíduos e nesses mesmos

padrões (Bowen, 1976; 1978; Calatrava et al., 2022; Skowron & Friedlander, 1998). Através desta revisão de literatura, podemos compreender a extrema importância que a diferenciação do *self* apresenta para o desenvolvimento e funcionamento saudáveis dos indivíduos e das famílias, assim como identificar as lacunas no conhecimento ainda por preencher. Nesta dissertação incidiremos exatamente sobre uma destas: a transmissão transgeracional da diferenciação do *self* e, em particular, a transmissão da diferenciação do *self* no feminino.

Como vimos anteriormente, existe alguma literatura que apoia as proposições teóricas de Bowen de que os padrões de funcionamento dos pais influenciam os dos seus filhos e que estes padrões são transmitidos para a geração seguinte. No entanto, uma leitura global revela que poucos estudos examinaram a transmissão da diferenciação do *self* de uma geração para a outra.

Harvey et al. (1991) analisaram a transmissão transgeracional de padrões de individuação e intimidade, aspetos da diferenciação do *self*, através de modelagem causal e análise de equações estruturais em adultos e nos seus filhos em idade universitária. Os resultados forneceram suporte parcial para a hipótese da transmissão multigeracional: encontraram evidências de que os padrões relacionais de individuação e fusão tanto das mães como dos pais influenciam os padrões dos filhos, contudo, apenas encontraram evidências da transmissão transgeracional entre mães e filhos, não tendo encontrado entre pais e filhos. Peleg (2005) realizou um estudo que investigou a influência dos níveis de diferenciação dos pais nos níveis de diferenciação dos filhos e observou uma correlação positiva entre ambos. Rosen et al. (2001) analisou a transmissão transgeracional da diferenciação do *self*, através da análise da diferenciação na família de origem como uma variável mediadora entre a violência na família de origem e a violência no namoro em estudantes universitários, observando que a diferenciação possui um papel mediador significativo no processo de transmissão da violência. Alguns investigadores também conseguiram demonstrar que os processos da família de origem são transmitidos de geração em geração e, mais uma vez, sugeriram a diferenciação do *self* como um meio pelo qual essa transmissão ocorre (Holman & Busby, 2011; Sabatelli & Bartle-Haring, 2003). Por outro lado, Tuason e Friedlander (2000) realizaram um estudo com uma amostra de duas gerações de pais e filhos adultos, em que testaram, através de modelagem de equações estruturais, se os níveis de diferenciação dos pais estavam correlacionados com os dos filhos, contudo, os coeficientes entre as variáveis não foram estatisticamente

significativos, não tendo sido encontrada nenhuma evidência da transmissão transgeracional da diferenciação do *self*. Em suma, existem poucos estudos que analisam a transmissão transgeracional da diferenciação do *self*, tendo descrito cinco casos que fornecem suporte empírico a este pressuposto (Harvey et al., 1991; Holman & Busby, 2011; Peleg, 2005; Rosen et al., 2001; Sabatelli & Bartle-Haring, 2003), e um que não (Tuason & Friedlander, 2000).

Como é possível verificar, apesar de existir uma substancial quantidade de literatura que fornece evidências das hipóteses propostas por Bowen relativamente às consequências da diferenciação do *self* nos indivíduos e à transmissão transgeracional de padrões de funcionamento, verifica-se uma escassez de estudos que aprofundam a transmissão da diferenciação do *self* de geração em geração. Assim, apesar de existir o argumento teórico de Bowen que mostra de forma indireta que a diferenciação do *self* é transmitida transgeracionalmente, não existem muitos estudos que o evidenciem de forma direta. Paralelamente, não controlar para as diferenças entre gêneros quanto à diferenciação do *self* contribuiu para aumentar o ruído no teste da hipótese da transmissão transgeracional. Posto isto, o objetivo geral deste estudo é transformar este argumento de Bowen em mais uma evidência direta e ajudar a preencher uma lacuna da literatura.

De modo a responder à questão de investigação “Será que a diferenciação do *self* é transmitida transgeracionalmente entre mães e filhas?”, a hipótese deste estudo investigou a correlação entre a diferenciação do *self* das mães e a diferenciação do *self* das filhas. De acordo com a literatura, é esperado que exista uma correlação positiva entre a diferenciação do *self* das mães e a diferenciação do *self* das filhas. Esta hipótese foi decomposta de forma a examinar a correlação entre cada dimensão da diferenciação do *self* das mães e cada dimensão da diferenciação do *self* das filhas. É esperado, assim, que exista uma correlação positiva entre as dimensões da diferenciação do *self* das mães e as dimensões da diferenciação do *self* das filhas.

Método

Design e Participantes

O presente estudo é quantitativo e possui um design transversal, visto que estuda as variáveis apenas num determinado momento.

A amostra foi constituída por 120 mulheres, 60 mães e 60 filhas adultas, de nacionalidades portuguesa, brasileira, angolana e guineense, e, de acordo com o critério de inclusão, com idades superiores aos 18 anos ($M_{mães} = 52.44$, $DP_{mães} = 7.46$, $M_{filhas} = 24.60$, $DP_{filhas} = 5.94$).

Relativamente à caracterização da amostra das mães, quanto ao nível da escolaridade, verifica-se que uma (1.7%) não tinha escolaridade, duas (3,3%) tinham o 1º ciclo, duas (3,3%) tinham o 2º ciclo, seis (10%) tinham o 3º ciclo, 16 (26.7%) tinham o ensino secundário e 33 (55%) tinham um grau de ensino superior. Relativamente à situação relacional das mães, uma (1.7%) era solteira, uma (1.7%) estava numa relação sem coabitação, 4 (6.7%) estavam numa relação com coabitação, 37 (61.7%) eram casadas, 14 (23.3%) eram divorciadas e três (5%) eram viúvas.

Relativamente à caracterização da amostra das filhas, quando ao nível da escolaridade, 15 (25%) tinham o ensino secundário, 31 (51.7%) tinham licenciatura e 14 (23.3%) tinham mestrado. Quanto à situação relacional das filhas, 27 (45%) eram solteiras, 24 (40%) estavam numa relação sem coabitação, cinco (8.3%) estavam numa relação com coabitação e quatro (6.7%) eram casadas.

Procedimento e Questionário

Após a aprovação do Conselho de Ética (ver Anexo B), as participantes foram recrutadas por conveniência, através de redes sociais e do e-mail (ver Anexo C). Cada participante preencheu um questionário online na plataforma *Qualtrics*, de, aproximadamente, 20 minutos¹. O questionário inicia com o consentimento informado (ver Anexo D), seguido do questionário sociodemográfico e do Inventário da Diferenciação do *Self* Breve (DSI-SF; Sloan & van Dierendonck, 2016). O questionário terminou com um debriefing sobre o objetivo do estudo acompanhado por um apelo para a partilha do *link* do questionário com a mãe e/ou filha das participantes, consoante fosse o caso.

¹ Esta dissertação enquadra-se dentro do estudo “Transmissão Transgeracional e Funcionamento Sexual no Feminino”, com um protocolo mais alargado. Do total de participantes recolhidos (n = 520) retiveram-se 120 participantes que foi possível emparelhar em díades de mães e filhas. Para os contributos para a validação dos instrumentos recorreu-se à amostra total.

Questionário Sociodemográfico

Foram recolhidas informações sobre o género, idade, nacionalidade, nível de escolaridade e situação relacional. De seguida, era pedido às participantes que se identificassem como mãe ou como filha da díade participante e que gerassem um código que permitisse o emparelhamento das díades de mães e filhas (iniciais do primeiro e último nome da mãe + iniciais do primeiro e último nome da filha + data de nascimento da filha).

Inventário da Diferenciação do Self Breve

Para avaliar o nível de diferenciação de cada participante em relação a outras pessoas significativas, foi aplicado o Inventário da Diferenciação do *Self* Breve (DSI-SF; Sloan & van Dierendonck, 2016), que, como referido anteriormente, é uma versão breve e resumida do Inventário da Diferenciação do *Self* Revisado (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003). Apesar de não estar validado para a população portuguesa, foi o instrumento de medição da diferenciação do *self* escolhido para este estudo, de forma a garantir menor cansaço nos participantes durante a resposta ao protocolo.

O processo de tradução para a língua portuguesa incluiu um processo de tradução, seguida de retroversão por tradutores independentes. A concordância entre as versões foi feita por um terceiro elemento independente bilingue.

O DSI-SF é composto por 20 itens avaliados em *rating scales* de 1 = Nunca a 6 = Muitas vezes e organizados em quatro subescalas cada uma com cinco itens, que avaliam as dimensões específicas da diferenciação do *self*: a Reatividade Emocional (RE), Posição do Eu (PI), Fusão com os Outros (FO) e *Cut-off* Emocional (CE).

Resultados

Todos os dados foram inseridos e analisados estatisticamente através do SPSS 29.0 e do JASP. Primeiramente, procederam-se aos estudos de análise fatorial e de fidedignidade. De seguida, foram calculadas as estatísticas descritivas (média e desvio-padrão) para as dimensões do DSI-SF. Realizaram-se análises bivariadas, através do coeficiente de correlação de *Pearson*, para analisar as possíveis correlações entre as dimensões da diferenciação do *self* das mães e das filhas. De seguida, realizou-se uma MANOVA para perceber o impacto que cada uma das subescalas da diferenciação do *self*

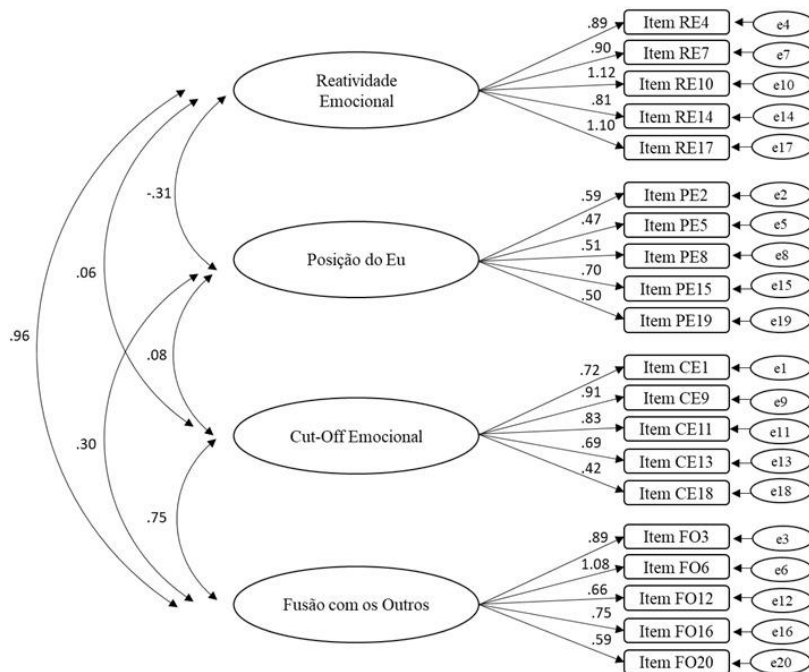
das mães tem em cada uma das subescalas da diferenciação do *self* das filhas, um teste de curva e, por fim, um teste *one-sample t-Student*.

Contributo para a validação da escala

A estrutura fatorial² proposta apresenta índices de ajustamento adequados ($\chi^2/gl = 2.809$, $CFI = .865$, $TLI = .844$, $RMSEA = .059$). Neste seguimento, foram calculados quatro índices respeitantes às quatro subescalas, a partir da média simples dos cinco itens que compõe cada uma: Reatividade Emocional ($\alpha = .799$, $M = 3.843$, $DP = 1.068$), Posição do Eu ($\alpha = .469$ ³, $M = 3.494$, $DP = .826$), Fusão com os Outros ($\alpha = .688$, $M = 3.376$, $DP = .935$), *Cut-Off* Emocional ($\alpha = .582$, $M = 2.423$, $DP = .903$).

Figura 1

Modelo de quatro fatores do DSI-SF



² Foi realizada uma análise fatorial com o número de participantes total do protocolo global, e não apenas com o número de díades utilizadas para este estudo.

³ Como é possível reparar, a fiabilidade dos fatores Posição do Eu e *Cut-off* Emocional são sub-ótimos. De acordo com Marôco e Garcia-Marques (2006), quando um alfa de Cronbach é reduzido, importa garantir em primeiro lugar que não estamos face a uma baixa validade de construto. No caso da nossa dissertação, esta validade de construto foi assegurada pela AFC acima descrita. Assim sendo, este resultado indica-nos um elevado erro de medida que aumenta a probabilidade de os resultados não serem significativos. Uma vez que este erro de medida vai contra a nossa hipótese, e com outras indicadores favoráveis, optou-se por manter esta estrutura fatorial. Salienta-se ainda a realização de uma análise fatorial exploratória, cuja estrutura fatorial não apresenta melhoria significativa dos indicadores de fidedignidade aqui descritos.

Estatística Descritiva

Na Tabela 1 apresentam-se os resultados estatísticos descritivos relativamente à média e ao desvio padrão da Reatividade Emocional, da Posição do Eu, da Fusão com os Outros e do *Cut-off* Emocional. É possível verificar que as médias das dimensões das mães variam entre 2.58 e 3.59 e os desvios padrão entre 0.85 e 1.06, e que as médias das dimensões das filhas variam entre 2.33 e 3.80 e os desvios padrão entre 0.78 e 1.01. Verificou-se também que tanto o *Cut-off* Emocional como a Fusão com os Outros das mães são muitos baixos, havendo mais Reatividade Emocional.

Tabela 1

Estatística Descritiva das médias das dimensões da diferenciação do self do DSI-SF

Variáveis	Mães (n = 60)		Filhas (n = 60)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Reatividade Emocional	3.41	1.06	3.67	0.99
Posição do Eu	3.59	0.97	3.80	0.89
Fusão com os Outros	2.58	0.85	2.33	0.78
<i>Cut-off</i> Emocional	3.09	0.89	3.28	1.01

Nota: a média e o desvio-padrão estão arredondados a duas casas decimais.

Teste de hipóteses

Relativamente às correlações entre as dimensões da diferenciação do *self* das mães e das filhas separadamente (Tabela 2), o *Cut-off* Emocional apresenta uma correlação positiva moderada estatisticamente significativa com a Reatividade Emocional e com a Fusão com os Outros nas mães e nas filhas, e uma correlação positiva fraca estatisticamente significativa com a Posição do Eu apenas nas mães. Verificamos também uma correlação estatisticamente significativa negativa moderada entre a Reatividade Emocional e a Posição do Eu apenas nas filhas, e uma correlação estatisticamente significativa positiva moderada entre a Reatividade Emocional e a Fusão com os Outros nas mães e nas filhas. Deste modo, verificamos um padrão diferencial entre as correlações entre as dimensões das mães e entre as dimensões das filhas: a correlação entre o *Cut-off*

Emocional e a Posição do Eu apenas presente nas mães e a correlação entre a Reatividade Emocional e a Posição do Eu apenas nas filhas.

Tabela 2

Matriz de correlações entre dimensões do DSI-SF das mães e das filhas separadamente

	1	2	3	4		1	2	3	4
RE mães					RE filhas				
PI mães	0.038				PI filhas	-0.390**			
CE mães	0.484**	0.259*			CE filhas	0.403**	-0.119		
FO mães	0.607**	0.041	0.540**		FO filhas	0.700**	-0.203	0.453**	

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades).

A análise quantitativa procurou testar a hipótese da transmissão transgeracional, analisando a relação entre a diferenciação do *self* das mães e a diferenciação do *self* das filhas e entre as suas dimensões.

De modo a verificar se existe uma associação univariada entre as variáveis em estudo, realizou-se um teste de coeficiente de correlação de *Pearson* (r) entre os resultados médios das dimensões da diferenciação do *self* das mães e os resultados médios das dimensões da diferenciação do *self* das filhas.

Através da tabela 3, apenas observamos correlações estatisticamente significativas positivas fracas entre a Reatividade Emocional das mães e a Reatividade Emocional das filhas; entre a Posição do Eu das mães e a Reatividade Emocional das filhas; entre a Posição do Eu das mães e a Fusão com os Outros das filhas; e entre o *Cut-off* Emocional das mães e o *Cut-off* Emocional das filhas.

Tabela 3

Matriz de correlações entre dimensões do DSI-SF das mães e dimensões do DSI-SF das filhas

	RE filhas	PI filhas	CE filhas	FO filhas
RE mães	0.293*	-0.187	0.131	0.004
PI mães	0.342**	0.103	0.102	0.288*
CE mães	0.097	0.159	0.303*	0.030
FO mães	0.124	-0.068	0.137	0.085

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades).

De forma a perceber, de um modo integrado, o impacto que cada uma das dimensões da diferenciação do *self* das mães tem em cada uma das dimensões da diferenciação do *self* das filhas, foi realizada uma MANOVA (Anexo E, Tabela 1, Tabela 2). Verificamos, assim, que existe um efeito geral significativo da Reatividade Emocional ($\lambda(4, 52) = 3.704; p < 0.05$), da Posição do Eu ($\lambda(4, 52) = 3.128; p < 0.05$) e do *Cut-off* Emocional ($\lambda(4, 52) = 2.944; p < 0.05$) das mães na diferenciação do *self* das filhas. Mais concretamente, a Reatividade Emocional das mães tem um efeito significativo na Reatividade Emocional das filhas ($Z = 6.015; p < 0.05$); a Posição do Eu das mães apresenta um efeito significativo na Reatividade Emocional ($Z = 8.938; p < 0.05$) e na Fusão com os Outros ($Z = 5.483; p < 0.05$) das filhas; e o *Cut-off* Emocional das mães tem um efeito significativo na Posição do Eu ($Z = 4.316; p < 0.05$) e um efeito marginalmente significativo no *Cut-off* Emocional ($Z = 3.733; p = 0.059$) das filhas. A Fusão com os Outros das mães é a única subescala que não apresenta efeitos significativos na diferenciação do *self* das filhas ($\lambda(4, 52) = 0.770; p \geq 0.05$).

De modo a tentar compreender a inconsistência no padrão de associações entre as dimensões, foram realizadas tentativas de hipóteses explicativas a posteriori.

Realizou-se um teste de curva para cada uma das dimensões da diferenciação do *self* para verificar se uma relação quadrática representaria melhor ajustamento aos dados do que a linear, contudo, observou-se não ser este o caso (Anexo E, Figura 1).

De seguida, procedeu-se ao cálculo do teste *one-sample t-Student* (Anexo E, Tabela 3), em que se comparou as médias de cada uma das quatro dimensões das mães com o valor médio da escala do questionário, correspondente a 3.5, tentando perceber se estes efeitos podem estar associados a fraca variabilidade nos dados. Verificou-se que os valores da Reatividade Emocional e da Posição do Eu das mães não diferem muito do ponto médio, o que significa que as mães apresentaram valores médios nestas dimensões. Já os valores do *Cut-off* e da Fusão com os Outros são muito baixos, o que revela que, em média, as mães têm resultados muito bons nestas dimensões, apresentando baixos níveis de *Cut-off* Emocional e de Fusão com os Outros.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo maior explorar a validade do pressuposto de Bowen da transmissão transgeracional da diferenciação do *self* em mulheres, ou seja, explorar a possível influência que a diferenciação do *self* das mães tem na diferenciação do *self* das filhas.

Como já referido, existe pouca investigação empírica acerca da transgeracionalidade da diferenciação do *self* da teoria de Bowen e os resultados dos estudos existentes não são conclusivos.

Através da análise de correlações entre os resultados médios das dimensões da diferenciação do *self* das mães e das filhas de forma separada, fazemos notar o seguinte:

- A correlação positiva entre o *Cut-off* Emocional e a Reatividade Emocional observada tanto nas mães como nas filhas está alinhada com o esperado, visto que a Reatividade Emocional se caracteriza pela baixa capacidade de regular as emoções perante expressões emocionais dos outros, de manter a calma em situações emocionalmente intensas e de aceitar pontos de vista diferentes dos seus sem se sentirem atacados, e o *Cut-off* Emocional consiste numa manifestação motivada pela incapacidade de gerir os problemas e os conflitos não resolvidos que se traduz em afastamento, apesar de continuarem a precisar de proximidade emocional, é bastante viável que indivíduos com alta Reatividade Emocional recorram mais ao *Cut-off* Emocional para lidar com os seus problemas.
- A correlação entre o *Cut-off* Emocional e a Fusão com os Outros, tanto nas mães, como nas filhas decorre do mesmo argumento atrás apresentado. Salientamos ainda

que mesmo quando os indivíduos cortam o contacto com a família ou pessoas significativas continuam a ser dependentes emocionalmente e a precisar de demasiada proximidade emocional (Bowen, 1976; 1978; Papero, 2014), o que quer dizer que indivíduos com *Cut-off* normalmente estão fusionadas aos outros. Por outro lado, os indivíduos com alta fusão poderão ou não optar pelo *Cut-off* e funcionar em *pseudo-self*.

- A correlação positiva entre o *Cut-off* Emocional das mães e a Posição do Eu das mães não está alinhada com a teoria, pois são duas dimensões opostas, esperando-se aqui uma correlação negativa entre ambas, em que quanto maior fosse a capacidade em assumir e manter uma posição do self, uma identidade e crenças independentes dos outros, menor seria a necessidade de recorrer ao *Cut-off* Emocional, uma vez que neste caso seria mais provável que o indivíduo conseguisse resolver os seus problemas de forma adaptativa. Pode haver aqui algum ruído pelo facto de uma pessoa que opte por uma estratégia de *cut-off* aparentar uma maior posição do eu. No entanto, esta seria apenas externa, comportamental e não interna.
- A correlação negativa entre a Reatividade Emocional e a Posição do Eu apenas observada nas filhas já era esperada, revelando que quanto maior é a dificuldade das filhas de regulação emocional perante expressões emocionais dos outros e em situações de stress, menor é a sua capacidade em assumir uma identidade coesa e em expressar as suas verdadeiras crenças e necessidades independentemente da pressão dos outros.
- Por fim, a correlação positiva entre a Reatividade Emocional e a Fusão com os Outros em ambas também era esperada, pois, além de pertencerem ambos à dimensão intrapsíquica da diferenciação do *self* e de estarem associadas, verificou-se, como veremos de seguida, que podem ser facilmente confundidas pelos indivíduos.

Deste modo, os padrões em geral são concordantes com a estrutura das relações propostas para as dimensões da diferenciação. Consideramos que as inconsistências se podem dever tanto a questões de medida, como ao número reduzido de díades.

Através da análise de variância multivariada, observou-se que todas as dimensões da diferenciação do *self* das mães têm impacto na diferenciação do *self* das filhas, à exceção da Fusão com os Outros, que não apresenta nenhum efeito significativo. A Reatividade Emocional das mães tem um efeito significativo na Reatividade Emocional das filhas, a Posição do Eu das mães tem um efeito significativo na Reatividade

Emocional e na Fusão com os Outros das filhas, e o *Cut-off* Emocional das mães tem um efeito significativo na Posição do Eu e um efeito marginalmente significativo no *Cut-off* Emocional das filhas. Estes resultados são semelhantes aos das correlações apresentadas anteriormente, tendo surgido apenas mais uma relação entre o *Cut-off* Emocional das mães e a Posição do Eu das filhas.

Uma hipótese que pode explicar o facto de a Fusão com os Outros das mães ser a única dimensão que não tem um efeito significativo sobre a diferenciação do *self* das filhas pode ser a elevada correlação entre a Reatividade Emocional e a Fusão com os Outros das mães, como se verificou nas correlações descritas anteriormente entre as dimensões das mães e no estudo de Major et al. (2014), no qual ambas as dimensões se fusionaram numa só. Como já referido, indivíduos com alta Reatividade Emocional têm bastante dificuldade em regular as emoções, de manter a calma em situações de stress e de tomar decisões com base nas suas crenças através do uso da lógica; e indivíduos com níveis mais altos de Fusão com os Outros têm os sistemas emocional e intelectual fusionados e apresentam várias reações e comportamentos que levam a uma maior Reatividade Emocional (Peleg-Popko, 2002). Deste modo, estas dimensões podem ser confundidas pelos participantes, uma vez que ambas se caracterizam pela dominância do sistema emocional. Por exemplo, os itens 3 (“Quando o/a meu/minha cônjuge/parceiro/a me critica, isso incomoda-me durante dias.”) e 20 (“Às vezes sinto-me mal depois de discutir com o/a meu/minha cônjuge/parceiro/a.”) pertencentes à subescala Fusão com os Outros da escala original podem ser lidos pelos participantes como Reatividade Emocional, devido à manifestação reativa perante as atitudes dos outros, como sentir-se incomodado ou sentir-se mal. Em suma, a Reatividade Emocional pode estar a “roubar” a variância da Fusão com os Outros, o que leva os indivíduos a confundir estas duas dimensões, não podendo estas ter efeitos separados e, portanto, a Fusão com os Outros das mães ser a única dimensão sem apresentar um efeito significativo sobre as dimensões das filhas. Simultaneamente, é também a dimensão com uma menor variância.

Além disso, é também importante ter em conta que o processo de transmissão transgeracional da diferenciação do *self* não ocorre necessariamente de forma linear, podendo saltar gerações à frente (McGoldrick et al., 2012, cit. por Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2021; Rehbein & Chatelard, 2013). Deste modo, esta pode ser uma hipótese explicativa para o facto de nem todas as dimensões da diferenciação do *self* terem tido um efeito significativo nas dimensões das filhas. Além disso, o facto de este estudo

não ter analisado os níveis de diferenciação dos pais, e tendo em conta que já se concluiu em outros estudos que os indivíduos podem ter parceiros com níveis diferentes de diferenciação, pode também constituir uma hipótese explicativa para estes resultados.

Como referido anteriormente, diversos estudos apontam para o facto de que as mulheres desenvolvem a sua identidade através de conexões com os outros e são caracterizadas por ter maior Reatividade Emocional. Neste sentido, poder-se-ia inferir que as mulheres apresentam, em média, níveis mais baixos de diferenciação, uma vez que são caracterizadas por possuírem mais estas características, e conseqüentemente, transmitiriam às filhas níveis de diferenciação também eles mais baixos. A crítica feminista feita passa pelo facto de, de acordo com esta teoria, os níveis altos de diferenciação do *self* serem vistos como ideais mesmo em relação aos de nível médio. Para testar uma alternativa que não passasse por esta valorização estereotípica do que é feminino, testou-se uma relação quadrática, mais próxima de uma previsão em que níveis muito baixos de diferenciação do *self* estivessem relacionados com níveis muito baixos de diferenciação do *self*, mas que níveis médios e altos de diferenciação do *self* nas mães estivessem relacionados com níveis médios e altos de diferenciação do *self* nas filhas. Verificou-se, em oposição à nossa proposta, que a relação linear possuía um melhor ajustamento aos dados em todas as dimensões. Contudo, após os resultados do *one-sample t-test*, dever-se-á repetir este teste com um grupo de mulheres, com uma maior variabilidade na diferenciação do *self*, especificamente com mais representação de mulheres com níveis mais baixos de diferenciação.

Limitações e Estudos Futuros

A existência de transmissão da diferenciação do *self* de uma geração para a outra ainda não é totalmente clara e, portanto, merece mais investigação. Assim, as limitações deste estudo devem ser consideradas para ajudar a ampliar investigações futuras.

Primeiramente, Bowen afirmou ser impossível atribuir um nível preciso de diferenciação do *self* a um indivíduo (Kerr & Bowen, 1988), pelo que os instrumentos de medição da diferenciação do *self*, como o DSI-SF, apesar da sua multidimensionalidade, não medem de forma abrangente a diferenciação do *self*.

Apesar da recolha de dados através das redes sociais e via e-mail possibilitar um maior alcance amostral, impossibilita, por outro lado, o controlo e o acompanhamento no

preenchimento dos questionários, o que pode ter levado a que dúvidas tenham surgido e não tenham sido esclarecidas e ao consequente enviesamento dos resultados.

O facto deste estudo se focar apenas em mulheres gera a impossibilidade da generalização dos resultados, pelo que seriam interessantes a replicação deste estudo em homens e a comparação dos seus resultados com os das mulheres, para perceber se existem diferenças de género. Além disso, seria também bastante interessante uma análise mais aprofundada para confirmar se existe a necessidade de desenvolver normas separadas para homens e mulheres relativamente à medição da diferenciação do *self*, de modo a ser possível a realização de investigações mais concretas acerca das diferenças de género na diferenciação do *self*.

Outra limitação é a dimensão reduzida da amostra, considerando que as recolhas com díades são mais difíceis de se realizar do que com participantes individuais. Assim sendo, também seria benéfico uma maior abrangência amostral em investigações futuras, de modo a garantir uma maior representatividade da população. Além disso, seria também interessante recolher os dados numa população clínica, uma vez que o previsto era que os indivíduos tivessem níveis mais baixos de diferenciação do *self*, com vista a garantir uma maior variabilidade de mães e de filhas.

Por último, seria também bastante interessante estudar a transgeracionalidade da diferenciação do *self* em três ou mais gerações nas próximas investigações realizadas e a realização de estudos que englobassem pais, para estudar a transgeracionalidade da diferenciação do *self* com mães e pais simultaneamente.

Implicações Clínicas

Os resultados deste estudo, além de contribuírem para a literatura e para a investigação acerca da diferenciação do *self* da Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen, também têm implicações clínicas. Mais especificamente, espera-se que estes resultados sejam úteis para ajudar terapeutas a atuar de forma estratégica em termos de prevenção, avaliação e intervenção, de modo a ajudar o paciente a compreender de que forma o sistema familiar impacta na diferenciação do *self*, nos problemas relacionais e no funcionamento individual e familiar e a aumentar os níveis de diferenciação.

Deste modo, é importante perceber os padrões familiares e relacionais existentes na vida dos indivíduos e promover respostas mais adaptativas relacionados com a

diferenciação, com vista a ajudar os pacientes a descobrir a sua própria identidade, a agir de acordo com as suas crenças mesmo perante a pressão dos outros, e a traçar os seus próprios caminhos.

Em suma, este tipo de investigação é essencial para que os terapeutas considerem a complexa relação entre os níveis de diferenciação do *self*, o sistema familiar e o contexto transgeracional da família de origem ao analisar o funcionamento dos indivíduos e desenvolvam melhores práticas clínicas para ajudar os indivíduos a enfrentar os seus problemas.

Conclusão

De forma geral, os resultados deste estudo fornecem suporte empírico parcial ao pressuposto de Bowen de que a diferenciação do *self* é transmitida transgeracionalmente, demonstrando uma relação entre a diferenciação do *self* de mães e de filhas, embora com um padrão incompleto e não consistente. Este estudo apresenta-se, assim, como mais um passo no caminho para um teste definitivo do pressuposto de transmissão transgeracional da diferenciação do *self* na Teoria dos Sistemas Familiares.

Referências Bibliográficas

- Almeida, M. E., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Transmissão geracional da profissão na família: repetição e diferenciação. *Psico, 45*(4), 454-462.
- Alves-Silva, J. D., & Scorsolini-Comin, F. (2021). Transmissão Transgeracional de Padrões Conjugais e Familiares: Implicações para o Cuidado em Saúde. *Nova Perspectiva Sistêmica, 30*(70), 77-92.
- Andolfi, M. (1989). *Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia familiar*. Artmed.
- Bello, L. D., & Marra, M. M. (2020). O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: casal com filhos pequenos. *Revista Brasileira de Psicodrama, 28*(2), 118-130.
- Black, D. S., Sussman, S., & Unger, J. B. (2010). A further look at the intergenerational transmission of violence: Witnessing interparental violence in emerging adulthood. *Journal of interpersonal violence, 25*(6), 1022-1042.
- Braga, L. L., Mello, M. F., & Fiks, J. P. (2012). Transgenerational transmission of trauma and resilience: a qualitative study with Brazilian offspring of Holocaust survivors. *BMC psychiatry, 12*, 1-11.
- Bowen, M. (1976). Theory in the practice of psychotherapy. *Family therapy: Theory and practice, 4*(1), 2-90.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.
- Calatrava, M., Martins, M. V., Schweer-Collins, M., Duch-Ceballos, C., & Rodríguez-González, M. (2022). Differentiation of self: A scoping review of Bowen Family Systems Theory's core construct. *Clinical psychology review, 91*, 102101.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.
- Cao, R., Li, H., & Zhang, H. (2022). Intergenerational transmission of violence among substance-abusing Chinese parents: roles of detachment and social support. *Journal of interpersonal violence, 37*(19-20), NP18713-NP18737.

- Cepukiene, V. (2021). Adults' psychosocial functioning through the lens of Bowen theory: The role of interparental relationship quality, attachment to parents, differentiation of self, and satisfaction with couple relationship. *Journal of Adult Development*, 28(1), 50-63.
- Charles, R. (2001). Is there any empirical support for Bowen's concepts of differentiation of self. *American Journal of family therapy*, 29(4), 279-292.
- Chung, H., & Gale, J. (2009). Family functioning and self-differentiation: A cross-cultural examination. *Contemporary Family Therapy*, 31, 19-33.
- Conte, R. F., & von Mühlen, B. K. (2020). A percepção da violência de gênero e a transmissão geracional em mulheres que sofrem violência doméstica. *Revista Educação e Linguagens*, 9(18), 240-264.
- Cunha, V. D. S., & Wendling, M. I. (2011). Aspectos transgeracionais da gravidez na adolescência na perspectiva de mães e filhas residentes em Parobé e Taquara (RS). *Contextos Clínicos*, 4(1), 28-41.
- Dozio, E., Feldman, M., Bizouerne, C., Drain, E., Laroche Joubert, M., Mansouri, M., ... & Ouss, L. (2020). The transgenerational transmission of trauma: The effects of maternal PTSD in mother-infant interactions. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 480690.
- Fiorini, M. C., & Guisso, L. (2016). Teoria familiar sistêmica: retrospectiva história e perspectivas atuais. *Psicologia: o portal dos psicólogos*, 139-144.
- Gadoni-Costa, L. M., & DELL, D. D. (2011). Multigeracionalidade eo processo de enfrentamento da violência contra a mulher: Estudos de caso. *Salud & Sociedad*, 2(1), 63-78.
- González, M. R., & Kerr, M. E. (2011). Introducción a las aplicaciones de la teoría familiar sistémica de Murray Bowen a la Terapia Familiar y de Pareja. *Cuadernos de terapia familiar*, (77), 7-15.
- Harvey, D. M., Curry, C. J., & Bray, J. H. (1991). Individuation and intimacy in intergenerational relationships and health: Patterns across two generations. *Journal of Family Psychology*, 5(2), 204.
- Haefner, J. (2014). An application of Bowen family systems theory. *Issues in mental health nursing*, 35(11), 835-841.

- Holman, T. B., & Busby, D. M. (2011). Family-of-origin, differentiation of self and partner, and adult romantic relationship quality. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 10(1), 3-19.
- Hooper, L. M., & Doehler, K. (2011). The mediating and moderating effects of differentiation of self on body mass index and depressive symptomatology among an American college sample. *Counselling Psychology Quarterly*, 24(1), 71-82.
- Jenkins, S. M., Buboltz, W. C., Schwartz, J. P., & Johnson, P. (2005). Differentiation of self and psychosocial development. *Contemporary Family Therapy*, 27(2), 251-261.
- Kerr, M. E. (1988). Chronic anxiety and defining a self. *The Atlantic Monthly*, 9(9), 35-58.
- Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation*. New York: Norton.
- Kim, H., Prouty, A. M., Smith, D. B., Ko, M. J., Wetchler, J. L., & Oh, J. E. (2014). Differentiation of self and its relationship with family functioning in South Koreans. *The American Journal of Family Therapy*, 42(3), 257-265.
- Kizilhan, J. I., Noll-Hussong, M., & Wenzel, T. (2022). Transgenerational transmission of trauma across three generations of Alevi Kurds. *International journal of environmental research and public health*, 19(1), 81.
- Knudson-Martin, C. (1994). The female voice: Applications to Bowen's family systems theory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 20(1), 35-46.
- Krycak, R. C., Murdock, N. L., & Marszalek, J. M. (2012). Differentiation of self, stress, and emotional support as predictors of psychological distress. *Contemporary family therapy*, 34(4), 495-515.
- Lal, A., & Bartle-Haring, S. (2011). Relationship among differentiation of self, relationship satisfaction, partner support, and depression in patients with chronic lung disease and their partners. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(2), 169-181.
- Larson, J. H., & Wilson, S. M. (1998). Family of origin influences on young adult career decision problems: A test of Bowenian theory. *American Journal of Family Therapy*, 26(1), 39-53.

- Major, S., Miranda, C., Rodríguez-González, M., & Relvas, A. P. (2014). Adaptação portuguesa do Differentiation of Self Inventory Revised (DSI-R): Um estudo exploratório. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 1(37), 99-123.
- Mehri, Y., Salari, S. M., Langroudi, M. S., & Baharamizadeh, H. (2011). The relationship between differentiation of self and aspects of identity. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 30, 733-737.
- Miller, R. B., Anderson, S., & Keala, D. K. (2004). Is Bowen theory valid? A review of basic research. *Journal of marital and family therapy*, 30(4), 453-466.
- Mohammadi, M., Alibakhshi, Z., & Sedighi, M. (2019). The effect of Self-differentiation Training Based on Bowen Theory on Women's Self-differentiation and Marital Satisfaction. *Journal of Midwifery and Reproductive Health*, 7(4), 1904-1911.
- Murdock, N. L., & Gore, P. A. (2004). Stress, coping, and differentiation of self: A test of Bowen theory. *Contemporary Family Therapy*, 26(3), 319-335.
- Oliver, J., Jódar, R., Berástegui, A., Skowron, E. A., Friedlander, M. L., & Schmitt, T. A. (2022). Psychometric study of the differentiation of self scale-revised in a sample of Spanish adults. *Current Psychology*, 1-14.
- Otto, A. F. N., & Ribeiro, M. A. (2020). Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. *Pensando famílias*, 24(1), 79-95.
- Padilha, C. R. M., & Barbieri, V. (2020). Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura. *Tempo psicanalítico*, 52(1), 243-270.
- Papero, D. V. (2014). Assisting the two-person system: An approach based on the Bowen theory. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 35(4), 386-397.
- Papero, D., Frost, R., Havstad, L., & Noone, R. (2018). Natural systems thinking and the human family. *Systems*, 6(2), 19.
- Peleg-Popko, O. (2002). Bowen theory: A study of differentiation of self, social anxiety, and physiological symptoms. *Contemporary Family Therapy*, 24(2), 355-369.

- Peleg, O. R. A. (2005). The relation between differentiation and social anxiety: What can be learned from students and their parents?. *The American Journal of Family Therapy*, 33(2), 167-183.
- Peleg, O., Halaby, E., & Whaby, E. N. (2006). The relationship of maternal separation anxiety and differentiation of self to children's separation anxiety and adjustment to kindergarten: A study in Druze families. *Journal of anxiety disorders*, 20(8), 973-995.
- Peleg, O. (2008). The relation between differentiation of self and marital satisfaction: What can be learned from married people over the course of life?. *The American journal of family therapy*, 36(5), 388-401.
- Peleg, O., & Yitzhak, M. (2011). Differentiation of self and separation anxiety: Is there a similarity between spouses?. *Contemporary Family Therapy*, 33(1), 25-36.
- Peleg, O. (2014). The relationships between stressful life events during childhood and differentiation of self and intergenerational triangulation in adulthood. *International Journal of Psychology*, 49(6), 462-470.
- Putkonen, A., Rynänen, O. P., Eronen, M., & Tiihonen, J. (2007). Transmission of violent offending and crime across three generations. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 42, 94-99.
- Raudino, A., Fergusson, D. M., Woodward, L. J., & Horwood, L. J. (2013). The intergenerational transmission of conduct problems. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 48, 465-476.
- Rehbein, M. P., & Chatelard, D. S. (2013). Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25, 563-583.
- Rodríguez-González, M., Martins, M. V., Bell, C. A., Lafontaine, M. F., & Costa, M. E. (2019). Differentiation of self, psychological distress, and dyadic adjustment: Exploring an integrative model through an actor–partner analysis. *Contemporary Family Therapy*, 41(3), 293-303.
- Rodríguez-González, M., Schweer-Collins, M., Bell, C. A., Sandberg, J. G., & Rodríguez-Naranjo, C. (2019). Family functioning, family structure, and differentiation of self in heterosexual Spanish couples: An actor–partner analysis. *Journal of Counseling & Development*, 97(2), 209-219.

- Rodríguez-González, M., Schweer-Collins, M., Skowron, E. A., Jódar, R., Cagigal, V., & Major, S. O. (2019). Stressful life events and physical and psychological health: Mediating effects of differentiation of self in a Spanish sample. *Journal of marital and family therapy*, 45(4), 578-591.
- Rosen, K. H., Bartle-Haring, S., & Stith, S. M. (2001). Using Bowen theory to enhance understanding of the intergenerational transmission of dating violence. *Journal of Family Issues*, 22(1), 124-142.
- Sabatelli, R. M., & Bartle-Haring, S. (2003). Family-of-origin experiences and adjustment in married couples. *Journal of Marriage and Family*, 65(1), 159-169.
- Sant'Anna, T. C., & Penso, M. A. (2018). A transmissão geracional da violência na relação conjugal. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 33.
- Silverstein, L. B. (2005). Bowen family systems theory as feminist therapy. *Handbook of couples therapy*, 103-118.
- Sipsma, H., Biello, K. B., Cole-Lewis, H., & Kershaw, T. (2010). Like father, like son: The intergenerational cycle of adolescent fatherhood. *American journal of public health*, 100(3), 517-524.
- Skowron, E. A., & Friedlander, M. L. (1998). The Differentiation of Self Inventory: Development and initial validation. *Journal of counseling psychology*, 45(3), 235.
- Skowron, E. A. (2000). The role of differentiation of self in marital adjustment. *Journal of counseling Psychology*, 47(2), 229.
- Skowron, E. A., Holmes, S. E., & Sabatelli, R. M. (2003). Deconstructing differentiation: Self regulation, interdependent relating, and well-being in adulthood. *Contemporary family therapy*, 25(1), 111-129.
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of marital and family therapy*, 29(2), 209-222.
- Skowron, E. A. (2004). Differentiation of self, personal adjustment, problem solving, and ethnic group belonging among persons of color. *Journal of Counseling & Development*, 82(4), 447-456.

- Skowron, E. A., Wester, S. R., & Azen, R. (2004). Differentiation of self mediates college stress and adjustment. *Journal of Counseling & Development, 82*(1), 69-78.
- Skowron, E. A., Stanley, K. L., & Shapiro, M. D. (2009). A longitudinal perspective on differentiation of self, interpersonal and psychological well-being in young adulthood. *Contemporary Family Therapy, 31*(1), 3-18.
- Sloan, D., & van Dierendonck, D. (2016). Item selection and validation of a brief, 20-item version of the Differentiation of Self Inventory—Revised. *Personality and Individual Differences, 97*, 146-150.
- Spencer, T. A. (2015). *Exploring the lived experiences of marriage and family therapy students who study Bowen Family Systems Theory, and relating those experiences to concepts of differentiation of self and emotional intelligence: An interpretative phenomenological analysis*. Nova Southeastern University.
- Titelman, P. (2008). *Triangles: Bowen family systems theory perspectives*. New York, NY: Routledge.
- Tuason, M. T., & Friedlander, M. L. (2000). Do parents' differentiation levels predict those of their adult children? and other tests of Bowen theory in a Philippine sample. *Journal of counseling psychology, 47*(1), 27.
- Von Bertalanffy L. *General systems theory: Foundations, development, applications*. New York: George Braziller; 1968.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2012). Efectos de la herencia psíquica en la opción de no construir el vínculo del amor. *Estudios Interdisciplinarios em Psicologia, 3*(1), 57-74.

Anexos

Anexo A – Revisão de Literatura

Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen

Murray Bowen era inicialmente um seguidor da psicanálise (Fiorini & Guisso, 2016), sendo a transmissão psíquica transgeracional um conceito psicanalítico, que tem como base a herança familiar como aquilo que se herda dentro de uma cadeia de gerações anteriores em termos de vida psíquica, que pode ou não ser elaborada e transformada (Zanetti & Gomes, 2012). De acordo com Freud, o narcisismo e os ideais dos indivíduos são uma herança dos pais, de modo que estes continuem a realização dos seus sonhos e desejos que ficaram insatisfeitos através dos filhos (Padilha & Barbier, 2020; Rehbein & Chatelard, 2013).

A partir da mudança do seu pensamento de um modelo psicanalítico individual para uma abordagem de pensamento sistêmico (Titelman, 2008, cit. por Spencer, 2015), Bowen desenvolveu a Teoria dos Sistemas Familiares entre os anos 1950 e 1960 (Spencer, 2015), consistindo esta na teoria do funcionamento emocional humano mais abrangente com uma perspectiva evolutiva, sistêmica e multigeracional (Calatrava et al., 2022; Haefner, 2014; Mehri et al., 2011; Kerr & Bowen, 1988). Inicialmente, grande parte da pesquisa familiar foi realizada com pacientes esquizofrênicos, o que levou à ideia inicial de que os padrões relacionais observados eram característicos da esquizofrenia (Bowen, 1976). Ao longo do tempo, Bowen foi percebendo que 1) os padrões de relacionamento estavam presentes em todas as pessoas e famílias, em diferentes graus; 2) a intensidade dos padrões observados estava mais relacionada com a ansiedade do momento do que com a gravidade da doença emocional; 3) os padrões de relacionamento se repetiam de forma indefinida, o que o levou a direcionar-se para a Teoria dos Sistemas Familiares (Bowen, 1976).

Esta teoria diferencia-se das restantes teorias de funcionamento emocional humano através da conceitualização da família como uma unidade emocional e do indivíduo como parte dessa unidade e não visto de forma isolada (Bowen, 1993; Kerr, 1988). Neste sentido, postula que o funcionamento e a saúde emocionais de um indivíduo não podem ser analisados separadamente dos da sua família, sendo que uma mudança no

funcionamento de um elemento da família gera previsivelmente mudanças recíprocas no funcionamento dos outros. De acordo com esta perspectiva sistémica, a família é um sistema aberto e dinâmico em constante interação com o meio, composto por elementos interconectados e interdependentes que se influenciam mutuamente e reagem uns aos outros (Andolfi, 1989, cit. por Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2021; Otto & Ribeiro, 2020).

Bowen distinguiu teoricamente entre três sistemas de funcionamento humano – sistema emocional, sistema intelectual e sistema de pensamento – apesar de se focar apenas nos dois primeiros na sua teoria. O sistema emocional é primitivo, instintivo, automático e inconsciente, relacionando-se com o instinto que governa o processo vital básico de todos os seres vivos, e é onde se expressa a ansiedade crónica; o sistema intelectual consiste numa função do córtex cerebral, que distingue os humanos dos seres vivos, e que envolve a capacidade de pensamento e raciocínio, dando uma visão mais objetiva ao comportamento determinado pelo sistema emocional; e o sistema de sentimento funciona como um elo entre os sistemas emocional e intelectual que permite a representação dos estados emocionais na consciência (Bowen, 1976; 1993; Kerr & Bowen, 1988). Segundo Bowen, estes sistemas, apesar de serem autónomos, funcionam de forma interligada e influenciam-se uns aos outros (Bowen, 1993).

Bowen também desenvolveu oito conceitos interligados, de modo a explicar a interação entre as forças de autonomia/individualidade e de intimidade/união e a descrever a ansiedade crónica presente nos sistemas familiares (Bowen, 1993): Diferenciação do *Self*, Corte Emocional, Processo de Projeção Familiar, Processo Emocional do Sistema Nuclear, Processo de Transmissão Multigeracional, Triangulação, Posição de Irmão e Processo Emocional da Sociedade.

Formas pelas quais ocorre a transmissão transgeracional. A transmissão de padrões de funcionamento emocionais pode ser realizada de diversas formas possíveis: através de segredos, de rituais familiares, da cultura, das práticas educativas dos pais, da vinculação, dos cuidados maternos, como o aleitamento materno, do processo de preparação parental para receber a criança (escolha do nome, da identidade), dos padrões de interação e de comunicação verbal ou não verbal, dos valores e expectativas familiares, dos conflitos conjugais, da aprendizagem de comportamentos por observação e da

genética (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2021; Padilha & Barbier, 2020; Kerr & Bowen, 1988). Em suma, as formas pelas quais a transmissão transgeracional é realizada podem ir desde o ensino consciente de pais para filhos até a programação automática e inconsciente de comportamentos emocionais, sendo os padrões transmitidos tanto de forma relacional quanto através da genética (Kerr & Bowen, 1988; Miller et al., 2004).

Maturidade Emocional. De acordo com Bowen, a maturidade emocional de um indivíduo está relacionada com a procura de responsabilidade por si mesmo e pelos outros e com a capacidade de controlar o seu lado imaturo ao longo do desenvolvimento (Papero, 2014). Em oposição, a imaturidade emocional envolve a transferência de responsabilidade de si mesmo para os outros, a dificuldade em estabelecer objetivos para si mesmo, a incapacidade de estabelecimento de limites com os outros e a dependência excessiva dos relacionamentos para o seu bem-estar e a sua felicidade. Esta dependência excessiva dos relacionamentos reflete-se na criação de expectativas em relação aos outros e à sua disponibilidade, na reatividade emocional dirigida ao outro quando essas expectativas não são correspondidas e em várias manifestações de perturbação quando o relacionamento não está disponível da maneira que se expectou (Papero, 2014).

Sistema Emocional da Família Nuclear. O Sistema Emocional da Família Nuclear descreve os padrões organizadores do funcionamento emocional da família numa única geração, sendo alguns deles repetições de gerações anteriores e transmitidos e repetidos nas gerações seguintes. Estes padrões são formados por crenças, valores, pensamentos, sentimentos, emoções, mitos, problemas e sintomas, e definem as particularidades da família, como regras e papeis, podendo ser adaptativos ou desadaptativos (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2021; Bowen, 1976; Padilha & Barbier, 2020; Papero et al., 2018; Spencer, 2015).

Estes padrões de funcionamento emocional têm uma grande influência no funcionamento individual e familiar, uma vez que surgem e desaparecem juntamente com os níveis de ansiedade e de stress dos elementos da família, e distribuem quantidades de ansiedade e de stress dentro do sistema familiar, com os objetivos de controlar a intensidade do Sistema Emocional da Família Nuclear e de lidar com os sintomas de fusão e com a tensão emocional (produto da ansiedade e do stress individual e interpessoal)

(Papero, 2014; Papero et al., 2018; Bowen, 1976; 1993). A intensidade destes padrões aumenta em indivíduos com maiores níveis de tensão emocional e menores níveis de diferenciação (Bowen, 1993). Alguns padrões podem tornar-se fixos, devido à perda de capacidade de resposta flexível em indivíduos com níveis baixos de diferenciação, resultando no aumento da ansiedade e numa maior suscetibilidade ao desenvolvimento de sintomas (Papero et al., 2018).

Bowen propôs quatro padrões de funcionamento emocional que as famílias utilizam quando a tensão emocional aumenta no sistema familiar: distância emocional, conflito conjugal, doença num dos cônjuges e disfunção de um ou mais filhos (ou projeção dos problemas para os filhos) (Bowen, 1976; 1993).

Distância Emocional. A distância emocional relaciona-se com o distanciamento dos elementos da família para evitar o conflito, reduzindo a intensidade dos relacionamentos e aumentando o risco de isolamento excessivo (Papero et al., 2018).

Conflito Conjugal. O conflito conjugal torna-se mais propício quando um casal apresenta fusão emocional e baixos níveis de diferenciação; quando não existe capacidade de cedência; e quando não existe capacidade de desempenhar um papel adaptativo por parte de nenhum dos elementos do casal (Bowen, 1976; 1993). Posto isto, em casais com baixos níveis de diferenciação, um dos cônjuges desempenha um papel dominante com maior tomada de decisão e o outro um papel mais adaptativo, havendo bastante intensidade na quantidade de energia investida emocionalmente um no outro (Bridge, 2019; Bowen, 1976; 1993).

Em relacionamentos em que a maior parte da indiferenciação se transforma em conflito conjugal e, por consequente, os indivíduos se encontram demasiado focados um no outro, os filhos encontram-se maioritariamente fora do processo emocional, não sendo o conflito conjugal em si que os prejudica, mas sim a existência de projeção dos problemas para os mesmos (Bowen, 1976; 1993).

Segundo Bowen (1993), o relacionamento entre o casal passa por um ciclo, que começa com períodos de proximidade intensa, seguidos pelo conflito, a consequente distância emocional, que leva, posteriormente, ao momento de reconciliação, retomando novamente ao início do ciclo com a proximidade do casal.

Disfunção num dos cônjuges. A disfunção num dos cônjuges é resultado de uma quantidade significativa de indiferenciação que é absorvida na postura adaptativa de um dos cônjuges (Bowen, 1976; 1993). O cônjuge que funciona por longos períodos no papel adaptativo é absorvido pelo cônjuge dominante e vai perdendo a capacidade de funcionamento e de tomada de decisão autónomos, o que pode, após algum aumento de stress, desencadear uma disfunção física, emocional ou social, podendo evoluir para doenças crónicas e tornando-se difícil de reverter (Bowen, 1976; 1993). Cônjuges disfuncionais podem ser compensados pelo funcionamento excessivo do seu parceiro, o que inibe a ideia de divórcio (Bowen, 1976). Segundo Bowen (1976), os filhos apenas são afetados pela disfunção de um dos pais através da herança de um padrão de vida como cuidador do progenitor doente, caso não exista outra pessoa substituta a desempenhar o seu papel, que se irá projetar no futuro.

Deficiência de um ou mais filhos (ou projeção dos problemas para os filhos). A deficiência de um ou mais filhos está relacionada com a projeção da indiferenciação dos pais para um ou mais filhos, sendo descrito como um conceito separado abordado anteriormente, o Processo de Projeção Familiar (Bowen, 1976; 1993). Como referido nas secções anteriores, o comprometimento de uma criança pode resultar da projeção de indiferenciação dos pais, levando a uma superproteção e superpreocupação com a mesma e ao impedimento da sua autodiferenciação (Bowen, 1976; 1993).

Triangulação. Segundo Bowen, a ansiedade é a maior influência da triangulação: quando a ansiedade é baixa, um relacionamento entre duas pessoas pode ser calmo; contudo, quando a ansiedade aumenta, pode ocorrer a triangulação, ou seja, o envolvimento de uma terceira pessoa mais vulnerável na tensão desse relacionamento, que visa diminuir a ansiedade e a tensão ao espalhar-se por três relacionamentos (Bowen, 1976; 1993; Bowen & Kerr, 1988; Kerr, 1988). Apesar de a triangulação ter este objetivo de diminuir a ansiedade na relação, pode aumentar a ansiedade do terceiro, dependendo da intensidade da proximidade emocional que este tenha com a díade (Bowen, 1993; Kerr, 1988). O indivíduo triangulado normalmente é o que apresenta menos diferenciação da família de origem (Charles, 2001).

Bowen demonstrou o triângulo pai-mãe-filho como exemplo, sendo a criança a pessoa triangulada, e acreditava que a criança seria o foco da projeção dessa ansiedade e teria um nível de diferenciação inferior aos dos pais e, conseqüentemente, apresentaria maior sofrimento e sintomas emocionais e físicos (Bowen, 1976; 1993; Kerr, 1988).

A triangulação temporária não tem necessariamente um impacto negativo, uma vez que existe um certo nível em todas as famílias, contribuindo para o desenvolvimento do nível de diferenciação da criança. Assim, este processo de triangulação pode ajudar a criança a equilibrar as forças de autonomia/individualidade e de intimidade/união e a diminuir a ansiedade e a tensão conjugal. Por outro lado, a triangulação duradoura impede interações abertas entre as três partes e tem conseqüências mais negativas para a criança (Peleg, 2014).

Os relacionamentos com a família extensa podem ajudar a família a controlar a ansiedade, uma vez que, quanto maior for a rede de triângulos interligados, maior será o número de caminhos para haver movimento da transferência de ansiedade no sistema sem esta se fixar e prejudicar algum elemento da família (Papero et al., 2018).

Posição de irmão. A posição de irmão é o conceito menos desenvolvido da teoria de Bowen, e consiste numa adaptação e extensão do trabalho de Walter Toman sobre perfis de personalidade de cada posição de irmão, que postula que características importantes da personalidade são influenciadas pela posição do indivíduo na família em que cresceu (Bowen, 1976; 1993; Miller et al., 2004).

Bowen (1976; 1993) utilizou a precisão destes perfis para estabelecer uma relação entre a posição de irmão e o processo de projeção familiar, o que forneceu uma maior compreensão sobre como uma criança é escolhida para este processo, uma vez que podem ser utilizados para: reconstruir o processo emocional familiar das gerações passadas; entender o processo emocional na família nuclear e extensa atual; e para determinar o papel que a criança irá desempenhar no processo emocional familiar, de modo a prever padrões familiares da próxima geração. Assim, Bowen observou a influência da posição de irmão no desenvolvimento e funcionamento dos indivíduos, acreditando que nenhum dado era mais importante do que saber a posição de irmão nas gerações presentes e passadas (Bowen, 1976; 1993; Otto & Ribeiro, 2020).

Bowen (1993) observou que os perfis esperados (como o irmão mais velho exercer posições de liderança e o mais novo exercer posições de seguidor) podiam ser modificados em função dos níveis de projeção familiar em cada um dos elementos da família, uma vez que esta influencia a diferenciação do *self* de cada indivíduo na família, de modo que pessoas na mesma posição podem apresentar níveis diferentes de funcionamento. Bowen também afirmou que o primeiro filho é geralmente o escolhido para ser a criança triangulada e é a pessoa menos diferenciada da família, enquanto o filho mais novo é geralmente o oposto, contudo, devido à projeção familiar, pode ocorrer o contrário (Bowen, 1976; 1993).

Processo Emocional na Sociedade. Bowen utilizou o conceito de regressão social para ilustrar a ligação entre o sistema familiar e a sociedade, acreditando que os problemas emocionais na família são semelhantes aos problemas emocionais na sociedade (Bowen, 1976; 1993). Quando a família sofre de ansiedade crónica, começa a perder contacto com os seus princípios e valores determinados pelo sistema intelectual e começa a recorrer cada vez mais a decisões determinadas pelo sistema emocional, de modo a diminuir a ansiedade, o que resulta em sintomas e na eventual regressão a um nível de funcionamento inferior (Bowen, 1976; 1993). De acordo com Bowen (1976; 1993), também é possível estender os conceitos da teoria de Bowen à sociedade como um sistema emocional e, assim, observar este processo de regressão social a atuar na sociedade (conceito societal): em resposta a uma crescente ansiedade crónica, a sociedade tende a minimizar o funcionamento intelectual e a perder contacto com os seus princípios e valores fundamentais, tomando decisões determinadas emocionalmente, de forma a diminuir essa ansiedade, o que resulta em fusão emocional e em sintomas de disfunção sociais (como o crescimento do crime e da violência, o aumento da taxa de divórcios, uma maior polarização política, menos tomada de decisões baseadas em valores, uso de drogas, aumento de falências e foco em direitos em detrimento de deveres) (Kerr & Bowen, 1988). Segundo Bowen, o mundo atual passa por um período de regressão devido a fatores como a explosão populacional e o esgotamento dos recursos naturais e, para que existe uma mudança profunda, todos os elementos da sociedade devem necessariamente assumir uma postura responsável e aumentar a sua capacidade de agir de forma racional e lógica (Kerr & Bowen, 1988).

Anexo B – Aprovação da Comissão de Ética



Comissão de Ética de Investigação
ISPA - Instituto Universitário de Ciências
Psicológicas, Sociais e da Vida
Rua Jardim do Tabaco, 34,
1149-041 Lisboa
Telefone: (351) 218 811 700
Fax: (351) 218 860 954

COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER

Título do projeto: Transmissão geracional e funcionamento sexual feminino

Investigador responsável: Mariana Miranda

Instituição/Curso: ISPA – Instituto Universitário

O protocolo do estudo apresenta objetivos relevantes. Foram descritos adequadamente os métodos e procedimentos a adotar e estes respeitam os direitos humanos e as recomendações constantes nos documentos nacionais e internacionais relativos à ética em investigação.

Assim, o parecer da Comissão de Ética do ISPA-Instituto Universitário é favorável à realização do estudo em epígrafe.

Qualquer alteração futura aos procedimentos descritos do estudo que possam colidir com os critérios éticos de investigação com seres humanos ou animais não humanos constantes nos referidos regulamentos, exigem uma reapresentação do pedido de apreciação a esta Comissão.

Comissão Ética do ISPA – Instituto Universitário

(Assinatura P'lo Presidente da CE)

Lisboa, 31 de maio de 2023.

Anexo C – Poster do Estudo

FAMÍLIA E SEXUALIDADE FEMININA

Se é **mulher** e tem **18 ou mais anos**
precisamos da sua ajuda.

O seu contributo é importante para
compreender melhor como o
funcionamento familiar está
associado ao funcionamento sexual
feminino.



**Questionário
online**



15 Min



Anexo D – Consentimento Informado



Muito obrigada por considerar responder a este inquérito, que tem como objetivo estudar de que forma é que determinados processos psicológicos são transmitidos dentro das famílias, e de que forma é que essa transmissão se relaciona com o funcionamento sexual feminino.

O estudo está a ser promovido pelo ISPA – Instituto Universitário, no âmbito de três dissertações de Mestrado na área de Psicologia Clínica, pelas alunas Inês Alfaro, Mariana Maurício e Rita Cunha, sob a orientação da Prof. Doutora Mariana Pires de Miranda.

Todas as respostas são anónimas. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins de investigação, mantendo assim a sua privacidade.

A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento independentemente do motivo. Após começar o estudo – e porque garantimos o anonimato dos participantes – não existe a possibilidade de proceder à eliminação das suas respostas.

A resposta ao questionário não lhe trará nenhum risco e estima-se que demore até 20 minutos.

Se tiver alguma dúvida ou sugestão, poderá entrar em contato com Mariana Pires de Miranda (mmiranda@ispa.pt).

Estou consciente de que a minha participação é voluntária e posso interromper em qualquer momento, independentemente do motivo.

Anexo E – Resultados

Tabela 1

Testes Multivariados

		Valor	Z	gl de hipótese	Erro gl	Sig.
RE mães	Lambda de Wilks	0.778	3.704 ^b	4.000	52.000	0.010
PI mães	Lambda de Wilks	0.806	3.128 ^b	4.000	52.000	0.22
CE mães	Lambda de Wilks	0.815	2.944 ^b	4.000	52.000	0.29
FO mães	Lambda de Wilks	0.944	0.770 ^b	4.000	52.000	0.549

Tabela 2

Testes de efeitos entre sujeitos

	Variável dependente	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
	RE filhas	1	4.941	6.015	0.017
RE mães	PI filhas	1	2.769	3.665	0.061
	CE filhas	1	9.590E-5	0.000	0.990
	FO filhas	1	0.102	0.104	0.748
	RE filhas	1	7.342	8.938	0.004
PI mães	PI filhas	1	0.039	0.052	0.820

	CE filhas	1	0.016	0.027	0.871
	FO filhas	1	5.361	5.483	0.023
	RE filhas	1	0.968	1.178	0.282
CE mães	PI filhas	1	3.261	4.316	0.042
	CE filhas	1	2.230	3.733	0.059
	FO filhas	1	0.485	0.496	0.484
	RE filhas	1	0.033	0.041	0.841
FO mães	PI filhas	1	0.093	0.123	0.727
	CE filhas	1	0.022	0.038	0.847
	FO filhas	1	0.912	0.933	0.338

Figura 1 – Teste de Curva

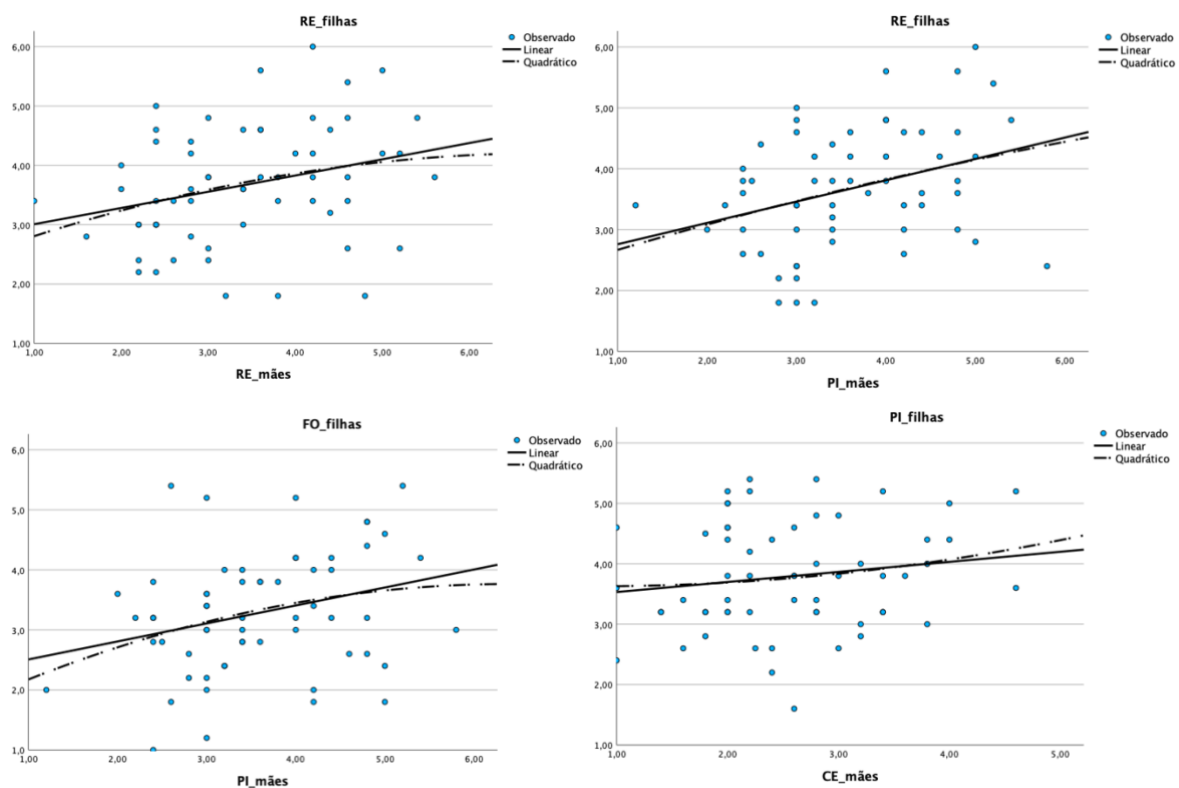


Tabela 3 – teste *one-sample t-Student*

Variável dependente: RE filhas								
		Resumo do modelo				Estimativas de Parâmetro		
Equação	R							
	quadrado	Z	df1	df2	Sig.	Constante	b1	b2
Linear	0.086	5.460	1	58	0.023	2.734	0.274	
Quadrático	0.088	2.762	2	57	0.072	2.296	0.550	-0.040

Variável dependente: RE filhas								
		Resumo do modelo				Estimativas de Parâmetro		
Equação	R							
	quadrado	Z	df1	df2	Sig.	Constante	b1	b2
Linear	0.117	7.706	1	58	0.007	2.409	0.350	
Quadrático	0.118	3.797	2	57	0.028	2.222	0.460	-0.015

Variável dependente: FO filhas								
		Resumo do modelo				Estimativas de Parâmetro		
Equação	R							
	quadrado	Z	df1	df2	Sig.	Constante	b1	b2
Linear	0.083	5.241	1	58	0.026	2.208	0.300	
Quadrático	0.087	2.700	2	57	0.076	1.532	0.698	-0.054

Variável dependente: PI filhas								
		Resumo do modelo				Estimativas de Parâmetro		
Equação	R							
	quadrado	Z	df1	df2	Sig.	Constante	b1	b2
Linear	0.025	1.501	1	58	0.226	3.365	0.167	
Quadrático	0.027	0.794	2	57	0.457	3.657	-0.071	0.044